

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ESTHER SHARAPIN DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DA *HALLYU WAVE* NA POLÍTICA INTERNACIONAL DA COREIA  
DO SUL PARA TAILÂNDIA (2010-2020)**

De acordo

A handwritten signature in black ink, reading "Nathaly Larin Schetz". The signature is written in a cursive, flowing style.

**SANTANA DO LIVRAMENTO  
2022**

**ESTHER SHARAPIN DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DA *HALLYU WAVE* NA POLÍTICA INTERNACIONAL DA COREIA DO SUL PARA A TAILÂNDIA (2010-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Nathaly Xavier Schutz

**SANTANA DO LIVRAMENTO  
2022**

**ESTHER SHARAPIN DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DA *HALLYU WAVE* NA POLÍTICA INTERNACIONAL DA COREIA DO SUL PARA A TAILÂNDIA (2010-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Internacionais.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nathaly Xavier Schutz  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Anna Carletti  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Renato Costa  
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a meus avós, Linice Sharapin e Nikolai Sharapin (*in memoriam*), e a minha mãe, Aleksandra Sharapin.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, pelo apoio e compreensão ao longo desses cinco anos que se passaram. A minha mãe e meu pai, Aleksandra e Rogério, que me apoiaram e sempre me incentivaram a estudar, com amor e paciência, mostrando que a educação é o caminho. A meus avós, Linice e Nikolai (*in memoriam*), grandes inspirações, que sempre foram exemplos de carinho e cuidado, além de serem exemplos de luta pela a educação em tempos difíceis. A minha tia Martha, desde que me conheço por gente, ela esteve me apoiando em todas as minhas escolhas mesmo de longe. Ao meu irmão Nikolai, ainda que não tenha ideia do que tudo isso significa, é um dos motivos que me fez estar aqui ao longo do tempo, lutando por um mundo melhor para o futuro dele através da educação. Amo vocês, palavras aqui nunca serão suficientes para expressar minha gratidão.

Agradeço, profundamente, a Universidade Federal do Pampa, por ser meu lar, dando-me uma educação gratuita e de qualidade, mesmo sofrendo ataques de quem deveria protegê-la. Agradeço a todos meus professores, que sempre nos instigaram a ter um pensamento crítico, sempre nos auxiliando no que fosse necessário para que seguíssemos em frente. Agradeço, principalmente, às professoras Anna Carletti, a qual assistiu essa pesquisa tomar forma dentro do GEslAO, e Nathaly Schutz, que me orientou com paciência, me ajudando no que era possível e acreditando na minha capacidade e na minha pesquisa. Aos terceirizados, por nos acalentarem com um cumprimento e nos fazendo sorrir em dias negativos.

Aos meus amigos, Bruna, Cassiano e Teodora, pelo carinho e afeto, por estarmos juntos na boa e na ruim, por dividirmos as angústias do TCC e os dilemas do nosso futuro, obrigada por deixarem os momentos mais leves em todas as ocasiões possíveis, eu amo vocês. Ao Antonio, por ser esse amigo que sempre está junto, não importa o que, tua presença esse ano foi crucial. Ao Rodolfo, por me tirar boas risadas e me dar palavras de conforto. À Carolina, por estar comigo em diversas fases da minha vida há mais de 14 anos, sempre sendo essa pessoa linda, por dentro e por fora. Pedro, esse que eu conheço a minha vida toda, que me fez rir ao longo do tempo, sendo um amigo incrível (aproveita essas palavras, porque não vou dizê-las com frequência, viu?). Ao Luiz, por ser esse amigo-pai, mostrando-me

todas as adversidades da vida com leveza. À Bia, Nathalia, Cibelle, Gabi, Louayne, Isa e Ellen, que estiveram comigo em diversos momentos, espero que saibam que sinto muito orgulho de vocês e que sou agradecida por tudo. À Vivian, minha melhor amiga da vida, simplesmente te agradeço por existir. Ao Júnior e a Ana Maria, deixo também minha gratidão e todo meu amor. Não posso esquecer também do Maurício (agora nosso mestre!), que me inspirou e me deu todo apoio nas pesquisas, te admiro!

Por fim, não posso deixar de agradecer as inspirações desse trabalho de conclusão de curso, meus grupos de pop coreano favoritos, EXO, NCT e Seventeen. Sei que nunca lerão esse breve agradecimento dessa fã muito apaixonada, mas gostaria de registrar que vocês sempre farão parte de quem eu fui, sou e ainda vou ser. Ao Chanyeol, Dokyeom e Haechan, um obrigada muito especial. *Hwaiting!*

소용돌이치는 하루 속에  
(Porque no meio de um dia que parece  
um turbilhão)

사소한 행복을 나에게 줘서  
(Você me deu uma pequena alegria)

비어 있는 내 두 손에  
(Porque em minhas mãos vazias)

세상의 모든 미소를 줘줘서  
(Você me deu todos os sorrisos do  
mundo)

*To you - SEVENTEEN*

*People come and people go*

(Pessoas vêm e vão)

세상에 멈춰선 너와 난

(Eu e você parados no mundo)

무더진 감정들에

(A esses sentimentos insensíveis)

서서히 익숙해져 가

(Pouco a pouco vamos nos acostumando)

*Love Shot - EXO*

*So let's go!*

(Então vamos nessa!)

그 어떤 것도 막지 못해

(Nada pode te impedir de tentar)

언젠가 지나갈 거야 결국에 알게 될 거야

(Algum dia isso vai passar, você vai  
descobrir quando for a hora)

*So what you waiting for?*

(Então o que você está esperando?)

*Life is Still Going On - NCT DREAM*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral entender como a cultura coreana, a *Hallyu Wave*, influencia na política internacional da Coreia do Sul para a Tailândia, pretendendo-se verificar se e de que maneira a cultura coreana tem contribuído, através de seus acessórios como o *K-POP*, *K-Dramas*, ícones e atrações turísticas, para a transformação e a consolidação das relações políticas e econômicas entre a Tailândia e a Coreia do Sul nos últimos dez anos, compreender de que forma a *Hallyu Wave* tenta recuperar a identidade da Coreia do Sul e analisar as relações Coreia do Sul-Tailândia a partir da influência da *Hallyu Wave*. O tema delimita-se a entender como a política internacional da Coreia do Sul é afetada por sua cultura em relação à Tailândia entre 2010 e 2020. É embasado na teoria de *soft power* e no conceito de diplomacia cultural. Foi constatado que a política internacional da Coreia do Sul para a Tailândia é influenciada pela cultura sul-coreana, visto que, com o aumento do consumo dos produtos coreanos na Tailândia, o contato com o país cresceu e aproximou o país política, econômica e culturalmente.

**Palavras-Chave:** Coreia do Sul, Tailândia, soft power, diplomacia cultural, sudeste asiático, leste asiático

## **ABSTRACT**

The present work has as its general objective to understand how the Korean culture, the Hallyu Wave, influences the international policy of South Korea towards Thailand, intending to verify if and in what way the Korean culture has contributed, through its accessories as the K-POP, K-Dramas, icons and tourist attractions, for the transformation and consolidation of political and economic relations between Thailand and South Korea in the last ten years, to understand how the Hallyu Wave tries to recover Korea's identity of the South and analyze South Korea-Thailand relations from the influence of the Hallyu Wave. The theme is limited to understanding how South Korea's international policy is affected by its culture in relation to Thailand between 2010 and 2020. It is based on soft power theory and the concept of cultural diplomacy. It was found that South Korea's international policy towards Thailand is influenced by South Korean culture, since, with the increase in consumption of Korean products in Thailand, contact with the country has grown and brought the country closer politically, economically and culturally.

**Keywords:** South Korea, Thailand, soft power, cultural diplomacy, Southeast Asia, East Asia

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Líder e cantor do grupo BTS, Kim Namjoon, discursando na ONU 43
- Figura 2** – Governante da Coreia do Norte juntamente com artistas de *k-pop* sul-coreanos 43
- Figura 3** – Membros do EXO, juntamente com o ex-presidente Moon Jae-in e o ex-presidente Trump 44
- Figura 4** - Presidente sul-coreano Moon Jae-in e primeiro-ministro tailândes, Prayut Chan-o-cha, no encontro de 2019 54

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Destino das exportações da Coreia do Sul (1988-2006)	34
<b>Tabela 2</b> – Indicadores Macroeconômicos selecionados da Coreia do Sul (1991-2007)	36
<b>Tabela 3</b> - Ondas Hallyu	41

## **LISTA DE SIGLAS**

- ALC** - Acordo de Livre Comércio
- APT** - ASEAN plus Three
- ASEAN** - Associação das Nações do Sudeste Asiático
- AFTA** - Acordo de Livre Comércio da ASEAN
- BoI** - Board of Investment of Thailand
- ECC** - Corredor Econômico Oriental
- EUA** - Estados Unidos da América
- FMI** - Fundo Monetário Internacional
- KOTRA** - Korea Trade Investment Promotion Agency
- OMC** - Organização Mundial do Comércio
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- RC** - República da Coreia
- RPDC** - República Popular Democrática da Coreia
- URSS** - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITOS DE SOFT POWER E DIPLOMACIA CULTURAL .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 SOFT POWER</b>	
<b>2.1.1 VISÃO DE JOSEPH NYE .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1.2 VISÃO DE GEUN LEE .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 DIPLOMACIA CULTURAL .....</b>	<b>23</b>
<b>3 CONTEXTO HISTÓRICO DA COREIA DO SUL: GUERRA DAS COREIAS (1950-1953) E PÓS-GUERRA .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 ANTECEDENTES .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 GUERRA DAS COREIAS .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 PÓS GUERRA E A DÉCADA DE 90 NA COREIA DO SUL: A ASCENSÃO DA CULTURA .....</b>	<b>32</b>
<b>3.3.1 HALLYU WAVE E SEUS MECANISMOS .....</b>	<b>37</b>
<b>4 RELAÇÕES CORÉIA DO SUL-TAILÂNDIA .....</b>	<b>46</b>
<b>4.1 A APROXIMAÇÃO A PARTIR DA <i>HALLYU WAVE</i> E ATUAÇÃO DO SOFT POWER E DA DIPLOMACIA CULTURAL SUL-COREANA NA TAILÂNDIA: POLÍTICA, ECONÔMICA E CULTURAL .....</b>	<b>51</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Guerra das Coreias (1950-1953) foi um ponto determinante para a península coreana. Os três anos de conflito juntamente com a divisão dos Estados, desestabilizaram os países. Diante desse fato, a Coreia do Sul precisou recomeçar, tanto no âmbito político, quanto no econômico, já que mostrava-se um país tão pobre como Níger e Gana.

Porém, entre os anos 60 e 90, o país asiático dá um salto de desenvolvimento e torna-se parte, dos assim chamados, Tigres Asiáticos, já que houve um processo rápido de industrialização e crescimento econômico, ideia do governo de Park Chung-hee juntamente com os conglomerados do país, os *Chaebols*.

Em 1994, na Coreia do Sul, houve uma onda de filmes estrangeiros que ocupavam 80% do mercado audiovisual, fazendo o governo sul-coreano perceber que a cultura poderia ser lucrativa para o país, então em 1995, criou-se o Departamento da Indústria da Cultura. (LUIZA, 2019). Foi um investimento exitoso, quando foi visto que as novelas coreanas, conhecidas como *k-dramas*, fizeram muito sucesso, principalmente na China. Contudo, a música seria o que traria maior resultado desse investimento. O *K-Pop* é o grande precursor da difusão da cultura coreana pelo mundo.

As relações Coreia do Sul-Tailândia a partir da década de 1950, quando a Tailândia enviou tropas para a Guerra das Coreias. Desde então, as nações são consideradas amigas. Em 2019, num encontro entre Moon Jae-in, presidente sul-coreano da época, e Prayut Chan-o-cha, primeiro-ministro tailândes, encontraram-se a fim de aprofundar ainda mais a parceria estratégica dos países (BRASIL, 2019). Foi observado também que as relações da Tailândia com a Coreia do Sul se expandiram para vários setores, incluindo educação, investimento e tecnologia.

A partir disso, o trabalho procura responder o seguinte problema: como a cultura sul-coreana na política internacional da Coreia do Sul influencia na aproximação entre o país e a Tailândia entre 2010 a 2020? E parte da hipótese que, dentro do contexto a ser analisado, o incentivo governamental sul-coreano na cultura, transformando-a em um instrumento de política internacional, auxilia na aproximação da Coreia do Sul e da Tailândia, econômica, política e culturalmente no período analisado. O recorte temporal do trabalho se dará de 2010 a 2020, visto que

a cultura coreana, apesar de ter começado a difundir-se nos anos 90, teve um salto maior na década de 2010, principalmente com o *korean pop*<sup>1</sup>, criando força pelo mundo inteiro, principalmente no sudeste asiático.

Para responder o problema e testar a hipótese, o objetivo geral deste presente trabalho é entender como a cultura coreana, a *Hallyu Wave*, influencia na política internacional da Coreia do Sul para a Tailândia e, como específicos, (i) pretende-se verificar se e de que maneira a cultura coreana tem contribuído, através de seus acessórios como o *K-POP*, *K-Dramas*, ícones e atrações turísticas, para a transformação e a consolidação das relações políticas e econômicas entre a Tailândia e a Coreia do Sul nos últimos dez anos; (ii) compreender de que forma a *Hallyu Wave* tenta recuperar a identidade da Coreia do Sul; (iii) analisar as relações Coreia do Sul-Tailândia a partir da influência da *Hallyu Wave*.

Este trabalho justifica-se a partir da intenção contribuir para o debate acadêmico sobre a questão da cultura como modo de aproximação entre países. Procuraremos, também, mostrar que a teoria elaborada por Joseph Nye (2004), *soft power*, não cabe apenas aos Estados Unidos, mas a outros atores do Sistema Internacional. Ademais, nos últimos anos, vem aumentando o interesse pelo tema dada a importância do movimento *Hallyu* para o desenvolvimento sul-coreano, e recuperação da identidade do país. Juntamente a isso, a escolha por esse tema deveu-se ao meu interesse pela cultura coreana no geral, com enfoque na música e, também, pela minha necessidade de entender se e de que maneira a cultura pode influenciar a política e a economia da Coreia do Sul.

O referencial teórico baseia-se na teoria de *soft power* de Joseph Nye (2004) e a análise de Geun Lee, *A soft power approach to the Korean Wave* (2009), para compreender de que forma a *Hallyu Wave* auxilia o governo sul-coreano a se aproximar de outros países, com enfoque na Tailândia. Desse modo o trabalho contará com uma análise teórica do que é poder e de que modo o *soft power* trabalha numa visão ocidental e oriental. Também trabalha com o conceito de diplomacia cultural de Ribeiro (2011) e Novais (2020).

No que tange a metodologia, a abordagem que será adotada neste trabalho será qualitativa, ou seja, uma pesquisa que, segundo Gerhardt e Silveira (2009), não se preocupa com números e sim, com a compreensão aprofundada de um objeto

---

<sup>1</sup> Korean pop, ou k-pop, é como se referem ao estilo musical pop da Coreia do Sul

específico. Com isto, apresenta-se uma pesquisa de caráter exploratório, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado e a coleta de dados se dará por meio de pesquisas bibliográficas e documentais (GIL, 2018), e descritivo, considerando que pesquisas descritivas retratam as características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2018), já que a pesquisa será a fim de entender como a cultura de um país, imersa na política do mesmo, afeta outro Estado. A âncora epistemológica deste presente trabalho será o método hipotético-dedutivo, consistindo-se na eleição de proposições hipotéticas, que possuem certa viabilidade, para responder a um problema – ou uma lacuna – do conhecimento científico (POPPER, 1959).

Para chegarmos em uma conclusão sobre a problemática e sobre a hipótese, este trabalho acadêmico está dividido em três capítulos, o primeiro: referencial teórico: conceitos de *soft power* e diplomacia cultural, a fim de desenvolver as teorias que guiarão esta monografia, aplicando-as na temática, o segundo: contexto histórico da Coreia do Sul: Guerra das Coreias (1950-1953) e pós-guerra, com o objetivo de compreender como e por quais motivos a Coreia do Sul investiu de forma ferrenha na cultura, e o último: relações Coreia do Sul-Tailândia, compreendendo quando suas relações diplomáticas iniciaram e como a cultura sul-coreana aproximou os dois países.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITOS DE SOFT POWER E DIPLOMACIA CULTURAL**

Na área de políticas internacionais, cada país possui sua relevância relacionada a moedas de poder, desenvolvendo um tipo de hierarquia da importância e/ou imagem do Estado no cenário mundial (ALMEIDA, 2018). Quando sua imagem é positiva, ela reverbera, indubitavelmente, no IDH, qualidade de vida e renda, por exemplo. Ainda segundo Almeida (2018), uma boa imagem conquistada, direta ou indiretamente, ações convenientes com impactos favoráveis na economia do país.

A partir disso, é considerado que existam duas moedas de influência no sistema internacional, o *hard power* e o *soft power* (ALMEIDA, 2018). Esse presente capítulo tem como objetivo desenvolver as teorias sobre o *soft power*, juntamente com os conceitos de diplomacia cultural, para aplicarmos dentro do tópico central deste trabalho, a influência da *Hallyu Wave* (cultura sul-coreana) dentro da política internacional da Coreia do Sul para a Tailândia, dentro dos anos de 2010 a 2020.

### **2.1 SOFT POWER**

#### **2.1.1 A visão de Joseph Nye Jr.**

A teoria do *Soft Power* foi idealizada pelo cientista político Joseph Nye Jr, no fim da década de 80, período final da Guerra Fria, caracterizado pela bipolarização do mundo entre as duas maiores potências da época, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O desenvolvimento dessa teoria, para Nye, em seu artigo para *Foreign Policy* (1990), se dá com o fim da Guerra Fria. Nessa época, os estadunidenses tentam encontrar o seu lugar no mundo com uma possível ameaça soviética (1990, p. 153). No desenvolvimento, o autor critica incessantemente o uso da força (*hard power*), ao dizer que, por exemplo, a utilização dela para ganhos econômicos custam muito e pode ser perigoso para grandes potências, como os EUA. Ainda, acrescenta que a transição de economia pode ser custosa para o poder militar. (NYE, 1990, p. 159). Seguindo, é afirmado que as grandes potências não podem mais utilizar as formas

tradicionais de poder para conseguir atingir seus propósitos como fazia-se antes e que nesse meio tempo, atores privados e pequenos Estados garantiram mais poder e que de acordo com Nye (1990, p. 160), a interdependência econômica, atores transnacionais, nacionalismo em Estados fracos, a disseminação da tecnologia e mudanças nas questões políticas foram grandes tendências para difundir esses poderes.

Trazendo essas críticas, o cientista político aponta uma nova face do poder, mostrando que há formas mais cativantes de exercê-lo, sendo esse o *soft power*. Em seu livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics*<sup>2</sup> (2004, p.1), antes de abordar sobre o poder brando em si, o mesmo conceitua o que é poder, o comparando com o clima, apontando que todos nós dependemos do mesmo, falamos sobre ele, mas poucos conseguem compreendê-lo e que tal como fazendeiros e meteorologistas tentam prever o clima, líderes e analistas políticos tentam descrever e prever as mudanças nas relações de poder (2004, p. 2). Basicamente, poder é a habilidade de influenciar o comportamento de outros agentes para conseguir o que quer, mas que há diversas formas de afetar o comportamento alheio. “*You can coerce them with threats; you can induce them with payments; or you can attract and co-opt them to want what you want*”<sup>3</sup> (2004, p. 2). E por fim, coloca que o poder sempre depende do contexto em que tal relação existe. (2004, p.3)

O autor traz que todos conhecem o *hard power*, que é sabido que as forças armadas e a economia podem fazer com que os outros mudem suas posições (NYE, 2004, p. 5). Analisa também que esse tipo de poder apoia-se em incentivos ou ameaças, mas, que às vezes, os resultados desejados podem ser obtidos sem ameaças ou recompensas tangíveis (NYE, 2004, p. 5-6). Essa maneira indireta de conseguir o que se quer pode ser chamada de “*The second face of power*”<sup>4</sup>, por exemplo, um país pode obter o que ele cobiça no mundo político, porque outros países o admiram a partir de seus valores, querendo reproduzir seus exemplos e aspirando possuir o nível de prosperidade e abertura. Nesse sentido, Nye diz que é importante que se organize uma agenda e que, a partir disso, consiga-se atrair os

---

<sup>2</sup> Soft Power: os meios para o sucesso na política mundial

<sup>3</sup> Você pode coagi-los com ameaças; você pode induzi-los com pagamentos; ou você pode atraí-los e cooptá-los para querer o que você quer, tradução própria

<sup>4</sup> A segunda face do poder, tradução própria

outros dentro do mundo político, não apenas forçando-os a mudar a partir de ameaças militares ou com sanções econômicas (2004, p.6).

O *soft power*, ou poder brando, trata-se disso, fazer com que os outros queiram os resultados que você almeja, cooptando-os e não ameaçando-os. Esse tipo de poder baseia-se na capacidade de moldar o próximo.

Soft power is not merely the same as influence. After all, influence can also rest on the hard power of threats or payments. And soft power is more than just persuasion or the ability to move people by argument, though that is an important part of it. It is also the ability to attract, and attraction often leads to acquiescence. Simply put, in behavioral terms soft power is attractive power. In terms of resources, soft-power resources are the assets that produce such attraction. (NYE, 2004, p. 6)<sup>5</sup>

O poder brando, segundo Nye (2004), é mais do que apenas persuadir ou da capacidade de comover as pessoas por meio de argumentos, mesmo que haja uma importância nesse ponto. O *soft power* é a capacidade de atrair e a atração leva a aquiescência, também é importante ressaltar que o mesmo é um elemento básico da política democrática diária (NYE, 2004, p. 6).

Em termos comportamentais, esse tipo de poder é um poder atrativo e nos termos de recursos, os recursos do *soft power* são os ativos que produzem tal atração (NYE, 2004, p.7). O poder brando utiliza-se, além disso, de um tipo diferente de moeda (não força e nem dinheiro) para gerar cooperação, ou seja, uma atração por valores compartilhados e a justiça, juntamente com o dever de contribuir para a realização desses valores (NYE, 2004, p.7). Em conjunto com esses tópicos, é significativo que se ressalte que o poder brando pode basear-se na atratividade de sua cultura e valores ou na capacidade de manipular a agenda de escolhas políticas de uma maneira que faz com que os outros deixem de expressar algumas preferências, pois estas parecem muito irrealistas (NYE, 2004, p.7). Quando um país sofre com crises na economia e crises militares, ele pode perder não apenas a sua fonte de *hard power*, mas também um pouco da sua habilidade de moldar a agenda

---

<sup>5</sup> Soft power não é meramente o mesmo que influência. Afinal, a influência também pode se basear no hard power de ameaças ou pagamentos. E o poder brando é mais do que apenas persuasão ou a capacidade de mover as pessoas por meio de argumentos, embora isso seja uma parte importante dele. É também a capacidade de atrair, e a atração muitas vezes leva à aquiescência. Simplificando, em termos comportamentais, o soft power é um poder de atração. Em termos de recursos, os recursos de soft power são os ativos que produzem tal atração, tradução própria

internacional e um pouco da sua atratividade, o que mostra a importância do *soft power* (NYE, 2004, p. 8).

No capítulo *Sources of Soft Power*<sup>6</sup>, Nye (2004, p. 8) traz que o poder brando de um país baseia-se em três recursos, nos valores políticos, quando faz jus dentro e fora de um Estado; nas políticas externas, quando vistas como legítimas e com autoridade moral; e por fim, na sua cultura, em lugares onde é atraente para os outros. No caso da temática deste presente trabalho, focaremos no último tópico, a cultura.

Cultura é um conjunto de valores e práticas que criam significado para uma sociedade. Dentro dela há variadas manifestações, como a *high culture* (literatura, arte, educação) para elites e a cultura popular, focada no entretenimento em massa (NYE, 2004, p. 10). Quando a cultura de um país inclui valores universais e suas políticas promovem valores que outros compartilham, a probabilidade de ter aquilo que se deseja por conta das relações de atração e dever que são criadas, aumentam (NYE, 2004, p. 10). Contudo, o autor (2004) também ressalta que valores e culturas consideradas mais “estreitas” são menos propensas a produzir algum tipo de *soft power*.

Um grande exemplo de poder brando para Nye (2004) são os EUA. O país beneficia-se de uma cultura universalista e que o seu *soft power* é ainda maior que seus ativos econômicos militares. Desde 1930, os Estados Unidos consolidou-se com o *American Way of Life*<sup>7</sup>, através dos meios de comunicação.

### 2.1.2 A visão de Lee Geun

O autor inicia seu artigo apontando que o objetivo central é investigar o potencial *soft power* da *Hallyu Wave*, vista com muito entusiasmo (LEE, 2009, p.123). Lee (2009), também aborda que quando um país não possui muito *hard power*, ou seja, fontes militares e econômicas, o mesmo pode ou deve considerar o poder brando como uma alternativa para alcançar certa política doméstica e externa, juntamente com seus objetivos econômicos. Ele também aborda que o *soft power* tem muito mais potencial do que normalmente é esperado (LEE, 2009, p. 124) e que

---

<sup>6</sup> Fontes de Soft Power, tradução própria.

<sup>7</sup> American Way of Life é a expressão utilizada para falar sobre o estilo de vida americano, conhecido amplamente pelo mundo e idealizado por diversos outros países

para países que já escalaram a hierarquia do poder internacional, o *soft power* pode ser uma ferramenta muito importante para a diplomacia.

Analisando o caso da Coreia do Sul, apesar de ser, hoje, a décima-primeira economia mundial<sup>8</sup> e possuir um *world class military*<sup>9</sup>, o país não pode competir com outros países mais avançados no *hard power* (LEE, 2009, p. 124). Por exemplo, a Coreia usar guerras e sanções econômicas como ferramentas diplomáticas é mais perigoso e arriscado do que usar bens culturais ou outros recursos de conhecimento com países industrialmente avançados como os EUA, Japão e China (LEE, 2009, p.124). No entanto, levando-se em conta que os recursos humanos de alta qualidade e o florescimento do potencial coreano, Lee (2009) mostra que a Coreia do Sul pode, consegue e necessita desenvolver seus recursos de *soft power* e *soft power* como instrumentos políticos e econômicos de alta significância.

Lee (2009) traz que o conceito desenvolvido por Joseph Nye foi construído no contexto da hegemonia estadunidense e que ele é concentrado em um único objetivo político de tornar outros países seguidores da liderança dos EUA, de forma voluntária, usando recursos leves como cultura, educação e ideologia.

Para atores com poderes menores, ao serem orientados para a liderança com o auxílio do poder brando, devem levar em conta que o *soft power* hegemônico para lideranças pequenas possuem pouco valor em alcançarem seus objetivos políticos e econômicos, portanto, eles necessitam desenvolver uma estrutura alternativa para as estratégias de *soft power* e para esse poder em si. Para esse propósito específico, Lee (2009) mostra categorias e estratégias de poder brando e analisa o *soft power* potencial da *Hallyu Wave*.

O autor define o *soft power*, por sua vez, com dois critérios: (i) "se o poder de cooptação ou apoio voluntário de outros é ou não observado, e (ii) a presença de diferentes objetivos que os atores desejam alcançar através de tais poderes cooptores" (2009, p. 125) e os categoriza em cinco pontos: (a) poder brando para melhorar um ambiente de segurança externa, projetando um ambiente pacífico e imagens atraentes de um país; (b) poder brando para mobilizar o apoio de outros países para suas políticas externas e de segurança; (c) poder brando para manipular outros países no seu modo de pensar e preferências; (d) poder brando para manter a unidade de uma comunidade ou comunidade de países; e (e) poder brando para

---

<sup>8</sup> Atualizado para o ano de 2020, já que o texto referenciado é do ano de 2009.

<sup>9</sup> Exército de classe mundial, tradução própria.

aumentar os índices de aprovação de um líder ou apoio doméstico de um governo (LEE, 2009).

A estratégia de soft power da primeira categoria geralmente emprega tais recursos como slogans nacionais, propostas de políticas e diplomacias públicas para minimizar imagens ameaçadoras enquanto projetam uma imagem pacífica de um país. Tal estratégia é necessária quando um país está entrando na sociedade internacional como um membro novo ou transformado, ou está se fortalecendo rapidamente em termos de sua difícil potência. A recente ênfase da China em “ascensão ou desenvolvimento pacífico” e “sociedade harmoniosa” é um bom exemplo (LEE, 2009).

A segunda categoria de soft power refere-se a uma liderança eficaz, mobilizando ações coletivas entre os países. Para um país líder formar uma coalizão efetiva de países para ações coletivas, as ações dos líderes do país precisam ser justificadas por motivos ou causas razoáveis (LEE, 2009). Tal justificativa é um poder brando para criar a liderança de um país líder. Exemplos gerais da segunda categoria são justificativas de sanções econômicas ou invasões estrangeiras por meio de procedimentos da Organização das Nações Unidas (ONU), como resoluções da Assembleia Geral ou Resoluções do Conselho. Teorias da guerra justa ou manipulação de imagens do inimigo pela mídia também são bons exemplos. Esta categoria de soft power é importante na economia de custos em termos de hard power porque o compartilhamento de carga pode ser feito entre os parceiros da coalizão (LEE, 2009)

A terceira categoria de soft power corresponde mais diretamente à definição de poder brando de Nye. Visa uma consequência mais direta da mudança de preferências e comportamentos dos outros, usando recursos ideacionais. Por exemplo, países ou atores específicos podem espalhar teorias, conceitos ou discursos para outros países para que eles adotem uma maneira específica de pensar (LEE, 2009). O Consenso de Washington, discursos de neoliberalismo e globalização são alguns exemplos de teorias e discursos desenvolvidos e difundidos pelas potências anglo-americanas para mudar as preferências e comportamentos de outros países (LEE, 2009).

É quase impossível manter uma grande entidade político-econômica como um império, nação ou comunidade apenas com hard power porque coercivo, violento a supressão de desertores é muito cara e de curto prazo.

Portanto, a manutenção de uma grande unidade econômica política requer soft power tanto quanto hard power. A identificação natural e a lealdade dos membros de tais entidades pertencem à quarta categoria de soft power. Práticas imperiais, como um museu imperial. A revisão dos estudos coreanos rituais imperiais, línguas comuns, invenção de tradições e estilos de vida são todas estratégias de soft power que efetivamente e eficientemente mantêm um grande império. Os esforços da União Europeia para estabelecer uma constituição europeia comum e outras instituições, bem como símbolos, pode ser entendida como sua tentativa de criar a quarta categoria de soft power sobre seus países membros (LEE, 2009, p. 127)

A quinta categoria de soft power inclui dimensões internas e externas. Na maioria dos casos, essa categoria de soft power é voltada para um público doméstico e não internacional. Exemplos são a criação de heróis nacionais, invocar o nacionalismo e patriotismo por competição esportiva internacional, ou mostrando o excelente desempenho de um líder em uma cúpula ou conferência internacional para aumentar a popularidade doméstica do líder ou do governo. Sem uma dimensão internacional, esta categoria não poderia existir (LEE, 2009).

Partindo dessa categorização, Lee apresenta estratégias para que o poder brando se desenvolva, uma vez que há uma necessidade de orientação por objetivos distintos que devem ser definidos de forma precedente do exercício do mecanismo que será utilizado como poder: (i) Manipulação ou criação de auto-imagens para melhorar o ambiente de segurança; (ii) manipulação de imagens de outros para mobilizar apoio para ações coletivas; (iii) estratégia de *Network Effect*: criação de uma rede onde os atores envolvidos percebem que na manutenção e na expansão da rede há benefícios para todos; (iv) acelerar a Mudança Situacional: tem maior eficácia quando o país que aplica a estratégia tem credibilidade e capacidade de hard power; e o alvo está passando por uma crise ou por uma transição instável e; (v) heróis e celebridades: esses ajudam, ao tornarem-se modelos, a definir uma agenda internacional para obtenção de metais nacionais e internacionais, bem como fabricar sentimentos de orgulho em seu país de origem, coesão nacionalista ou amplo apoio ao governo, como a Coreia do Sul faz. Porém o autor alerta que ao envolver celebridades pode haver resultados negativos. (LEE, 2009, p.127-129).

## 2.2 DIPLOMACIA CULTURAL

De acordo com Bruno do Vale Novais (2020), de maneira geral, diplomacia cultural é como os países agem dentro da esfera das relações internacionais por meio de atos simbólicos, que têm sido usados com objetivos variados. O autor também traz que a diplomacia cultural é a ação dos países em difundir sua produção cultural no exterior e recepcionar a produção trazida de fora em seus territórios nacionais, sendo possível notar que há um protagonismo do Estado no desenvolvimento da diplomacia cultural (2020, p. 60).

Apesar de não se buscar defender uma origem fixa para a diplomacia cultural, historicamente

(...) é realizada por sujeitos em distintas partes do mundo e em diferentes períodos: existe desde que pessoas de diferentes localidades começaram a manter contato. Afinal, as sociedades têm se constituído a partir do intercâmbio de culturas, de formas particulares de sobrevivência e reinvenção do mundo. (NOVAIS, 2020, p. 60)

Para Ribeiro (2011), há como arquitetar o plano mais restrito e objetivo da diplomacia cultural, onde os temas podem ser mais definidos, e, normalmente, são existentes em todos os países com tradição na difusão de sua cultura para o exterior. Nesse contexto o universo da diplomacia cultural poderia abranger os seguintes temas ou ideias, entre outros: a) intercâmbio de pessoas; b) promoção da arte e dos artistas; c) ensino de língua, como veículo de valores; d) distribuição integrada de material de divulgação; e) apoio a projetos de cooperação intelectual; f) apoio de projetos de cooperação técnica; g) integração e mutualidade na programação. E ainda contam

(...) com variações que dirão respeito às realidades de cada país (e que refletirão suas prioridades nesse campo, bem como questões de disponibilidades de recursos), esses seriam os parâmetros mais amplos da diplomacia cultural. (p. 31)

O autor (2011) estabelece, ainda, distinções entre relação cultural, internacional e diplomacia cultural. Considera-se que as relações culturais internacionais possuem o objetivo de, ao longo do tempo, uma compreensão maior e de aproximação entre os povos e instituições em um proveito recíproco. Já a diplomacia cultural é a utilização específica da relação cultural para a consecução de

objetivos nacionais de natureza cultural, comercial, política e/ou econômica. (RIBEIRO, 2011, p. 33).

A visão desse conceito trazido por Ribeiro (2011) é compatível com o que o Comitê de Relações Exteriores do Parlamento Britânico compreende sobre diplomacia cultural, colocando, portanto, que esse mecanismo, como nós entendemos, é exercido pelos Ministérios de Relações Exteriores em um todo, mas como, apenas, um instrumento que pode ser auxiliado pelo exercício de outras atividades diplomáticas.

Ademais, é explicada a relação de diplomacia cultural e paz. Ribeiro (2011) aponta que o intercâmbio cultural viabiliza a passagem experiências, ideias e patrimônios de um povo a outro, consolidando e preservando um ambiente que favorece o entendimento, minimizando julgamentos preconceituosos por estereótipos. Juntamente a isso, os processos de transferências culturais, em geral, fortalecem sentimentos pacíficos pela a própria ideia da universalidade do patrimônio cultural e artístico (RIBEIRO, 2011, p. 34). Ainda, por mais simples que uma determinada manifestação cultural de um país a outro possa ser ou por mais modestos que sejam os eventuais mecanismos de cooperação intelectual, esses momentos sempre reforçarão um grau de comunhão, cooperando para a afinidade de povos e novas culturas (RIBEIRO, 2011, p. 35).

Falando sobre diplomacia cultura e política bilateral, essa última sendo baseada em política externa adicionando-se a política cultural, Ribeiro (2011) trás que nesse plano, ainda que exista grandes divergências quanto às ênfases ou quanto aos métodos de trabalho que se utilizam, os mecanismos de difusão cultural devem ser considerados em termos das contribuições que trazem para a política externa dos Estados a que estão envolvidos. Ainda que essas contribuições dificilmente possam ser avaliadas (a curto prazo), os projetos necessitam estar a serviço dos interesses mais amplos da política externa do país por eles responsável, pois, ainda de acordo com o autor, apenas desta forma as programações iriam se viabilizar e os recursos iriam se materializar (RIBEIRO, 2011, p. 35). É esse dado, precisamente, que difere, de um lado, a diplomacia cultural e, de outro, os diversos mecanismos independentes de relacionamento cultural internacional, de geração mais espontânea (RIBEIRO, 2011, p. 35-36). Seguindo o pensamento do autor

(2011), conseqüentemente, quanto menos óbvia a vinculação com eventuais prioridades de governo, mais eficiente a política cultural.

As relações culturais têm desempenhado um papel cada vez mais importante no contexto da política externa dos países desenvolvidos, como atestam as crescentes prioridades alocadas a programações culturais no planejamento da política externa desses países (RIBEIRO, 2011, p. 36)

Ogura (2012), aponta a relação entre diplomacia pública e diplomacia cultural, mostrando suas diferenças:

A diplomacia pública não é, portanto, a mesma coisa que a diplomacia cultural, pois a pública é sempre intimamente associada com um objetivo político bem definido e certas metas pré-determinadas, enquanto a cultural não é necessariamente conectada com um objetivo político específico. As duas se sobrepõem algumas vezes, contudo, porque a diplomacia pública pode incluir esforços para melhorar a imagem nacional por meio de atividades culturais. (p. 22)

### **3. CONTEXTO HISTÓRICO DA COREIA DO SUL: GUERRA DAS COREIAS (1950-1953) E PÓS-GUERRA**

Esse presente capítulo tem como objetivo abordar a parte histórica da Coreia do Sul, para compreender como o país se moldou até a década de 90 e após isso, como a Coreia começou a investir em cultura para conseguir inserir-se no sistema internacional. Ele será estruturado a partir dos antecedentes da guerra, como a guerra ocorreu, o pós-guerra, e por fim, a década de 90 e a politização da cultura, juntamente com seus mecanismos.

#### **3.1 ANTECEDENTES**

Para entender o contexto da Guerra das Coreias, é necessário saber os antecedentes. A península coreana encontra-se entre Japão e China, grandes países que certamente projetariam seus interesses no território coreano ao longo dos séculos.

A Coreia teve diversas dinastias, porém a que mais se destaca é a dinastia Joseon, pois a mesma foi a última antes da dominação japonesa. Fundada em 1392 pelo general Taejo Yi Seong-gye, ascendeu por conta das crises que Goryeo, a dinastia anterior, passava. (FELLIPE, 2019). Porém, apesar de ser um novo governo, também nunca esteve livre das investidas e conflitos causados pelos japoneses. Alguns desses conflitos foram a Guerra de Imjin (1592-1598), que aproximou mais Joseon da dinastia Ming, deixando a península com um contato ainda maior com a China. (FELLIPE, 2019)

No século XVIII, o momento era de imperialismo europeu, período de colonização dos continentes africano e asiático. A expansão europeia trouxe a abertura dos comércios e da política destas regiões, ainda que forçadamente, como a China da dinastia Qing e o Japão, contudo, a dinastia Joseon preferiu isolar-se, trazendo então sua queda (FELLIPE, 2019). Ao negar abertura comercial e política, a dinastia coreana foi atacada por franceses, em 1866, e por estadunidenses, em 1871. (FELLIPE, 2019). No entanto, é importante ressaltar que países asiáticos,

como o Japão, também forçaram a abertura da dinastia Joseon no ano de 1875. Em 1876, o governo coreano se viu obrigado a assinar o tratado de *Ganghwado*<sup>10</sup>. O tratado de comércio, desigual, tirava a Coreia do *status* de estado tributário chinês para colônia japonesa. Nas décadas seguintes, a dinastia mudou seu nome para Coreia Imperial e elaborou diversas reformas na política, adicionando a política de portas abertas, devido ao ataque de outros países imperialistas. (FELIPPE, 2019).

Em 1902, o Japão e o Reino Unido entraram em uma aliança:

(...) o Japão construiu para si uma forte posição ao entrar numa aliança com o Reino Unido, a potência europeia mais importante na região. O Japão reconheceu os interesses britânicos na China e em troca os britânicos reconheceram os interesses especiais do Japão na Coreia. Sentindo uma fraqueza na costa do território chinês, a Rússia começou a mover tropas para a Coreia e imediatamente entrou em conflito com o Japão. Numa tentativa de evitar uma guerra, o Japão propôs que os dois países dividissem a Coreia em esferas de influência, com o marco divisor sendo traçado no Paralelo 38 - a mesma linha escolhida pelos Estados Unidos para a divisão da Coreia depois da Segunda Guerra Mundial. (OBERDORFER; CARLIN, 2014 p. 4)

Em 1905, os Estados Unidos (EUA) assinaram um tratado secreto com o Japão, aprovando a dominação japonesa na Coreia, em troca da aceitação da colonização estadunidense nas Filipinas. No mesmo ano, os EUA foi o mediador do Tratado de *Portsmouth*, entre Rússia e Japão, firmando, então, os interesses militares, econômicos e políticos do Japão na península coreana. A partir desse tratado, o Japão ocupou a região, ainda em 1905, e cinco anos mais tarde anexou a Coreia ao seu território, dominando o Estado até a sua derrota na II Guerra Mundial. (FELIPPE, 2019).

Para os historiadores coreanos o período colonial é, ao mesmo tempo, muito doloroso e muito saturado com mitos de resistência que não podem ser verificados em nenhum arquivo. A Coreia do Norte inventou tapeçarias inteiras de eventos que só existem na hagiografia de Kim Il-sung. No Sul uma década em particular - a de 1935 a 1945 - é um espaço em branco: milhões de pessoas usadas e abusadas pelos japoneses não conseguem acessos aos registros do que elas sabem ter acontecido com elas, e centenas de coreanos que trabalharam com os japoneses simplesmente apagaram essa parte da história como se ela nunca tivesse acontecido. (CUMINGS, 2005, p. 139)

A colonização japonesa foi dividida em três fases, o período Budan Seiji (1910-1920), ou de dominação militar; o período Bunka Seiji (1920- 1931), ou de

---

<sup>10</sup> Tratado de Amizade Coreia-Japão, ou apenas Tratado de Ganghwa.

dominação cultural; e o período de mobilização para a guerra (1931-1945). De acordo com Vu (2007), essas políticas de cunho intervencionista são o que garantem o futuro crescimento econômico e a industrialização da Coreia do Sul.

Segundo Cumings (2005, p.152), na primeira década do governo japonês, os colonizadores implantaram uma política extremamente militar, tendo o governo-geral acima do povo coreano, exercendo um controle autoritário e coercitivo (*budan seiji*). Já em 1919, se dá início a política cultural imperial (*bunka seiji*). Essa política, segundo Felipe (2019), instrua os coreanos a expectarem uma independência semota. Juntamente com essa fase, surge um período de resistência, mesmo que gradual, ao colonialismo, onde a população da Coreia desfrutou das vantagens do relaxamento à liberdade de expressão, reunindo-se para organizar diversos grupos socialistas, nacionalistas e comunistas abertos e/ou clandestinamente. Ainda com essa mudança política, foi possível, novamente, adquirir jornais coreanos, levando ao surgimento de novas publicações no início dos anos 20.

Datado em 1931, o período de mobilização para a guerra diz respeito à "industrialização protegida", de 1930, por Visentini et al. (2015). Essa industrialização voltava-se, principalmente, ao norte da península coreana, que possuía uma indústria pesada, objetivando-se a viabilização de bens de capital para a indústria de defesa japonesa no esforço de guerra contra a China. (VISENTINI et al., 2015). Com essa busca por expansão territorial japonesa para com o território chinês, houve diversos conflitos, como o Incidente Mukden, em 1931. O resultado deste foi a dominação da Manchúria pelo Japão e o episódio da ponte Marco Polo, em 1937, sendo um dos estopins para a Segunda Guerra Sino-Japonesa, iniciando a Guerra do Pacífico (1937-1945) (FELIPE, 2019). A Guerra trouxe mais sofrimento aos coreanos com a dominação japonesa com mais exploração econômica, recrutamento e emigração forçados de mão de obra, perseguição política, a obrigação de fazê-los a servir como força-auxiliar e também o abuso sexual de mulheres, conhecidas como *Comfort Women*. (VISENTINI et al., 2015)

O fim do período colonial coreano terminou em 1945, com o fim da II Guerra Mundial e a derrota japonesa no conflito. O período colonial foi uma experiência forte e amarga segundo Cumings (2005), além de ter formado a Coreia após a guerra. Analisa-se, de acordo com Felipe (2019), que junto a isso, foram trazidas dualidades opostas como desenvolvimento e subdesenvolvimento, a industrialização

e o crescimento agrário, a mobilização política e sua desativação, comunismo e nacionalismo, resistência armada e colaboração. Todavia, sobretudo, deixou uma divisão profunda e um conflito que separa o povo coreano desde então. (FELIPPE, 2019).

As relações entre a República da Coreia (RC) e a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) começam a delinear-se a partir de 1948, assim que a península é dividida. Porém, a divisão ideológica iniciou, realmente, ainda no período colonial japonês, com o progresso de movimentos nacionalistas, como o Movimento Primeiro de Março e, logo após, os movimentos comunistas, segundo Savada (1990).

Os antecedentes mostram que a influência da colonização japonesa, o fim da II Guerra Mundial e a Guerra Fria, foram pontos importantes para a eclosão da Guerra das Coreias. A península coreana foi um ponto chave para a briga entre as grandes potências da época.

### **3.2 GUERRA DAS COREIAS**

O conflito entre os dois países ocorreu dentro da Guerra Fria (1947-1991), onde existia um contexto de bipolarização mundial entre os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Essas duas potências entraram em conflito para ter o controle da península coreana nos anos 50. (SENHORAS, FERREIRA, 2013). Em 1945, na Conferência de Potsdam<sup>11</sup>, Washington e Moscou oficializaram o Paralelo 38 N, linha que está a 38 graus ao norte da linha do Equador e foi utilizada como marco para dividir as duas Coreias. A divisão propunha-se em dividir o norte para a URSS e o sul para os EUA.

Ainda segundo Senhoras e Ferreira (2013), houve tentativas para uma possível unificação entre as Coreias, mas elas nunca prosseguiram, já que a agenda do Norte possuía preposições distintas quando propunham aproximações políticas que convergiam da política externa e de defesa do Sul, posto que o Norte adotava uma aproximação considerada funcionalista com base na promoção das trocas inter-coreanas, a fim de formar uma confiança recíproca.

---

<sup>11</sup> Conferência realizada em Potsdam, na Alemanha, pelos Aliados, vencedores da II Guerra Mundial, para estabelecimento da ordem pós-guerra, no ano de 1945.

No ano de 1948, a RPDC declara independência. Esse fato fez com que dois países distintos fossem originados, um com viés socialista (RPDC, norte) e outro, capitalista (RC, sul). Em meio a isso, juntamente com os levantes populares, os líderes dos respectivos países, novamente, tentaram uma unificação. Além de estarem numa situação de transitoriedade, havia uma ocupação militar que desrespeitava o direito à autodeterminação dos coreanos, que aguardavam sua libertação com a derrota do militarismo japonês (VISENTINI, 2009).

A tentativa de estabelecer um governo popular pelo líder a favor da unificação no sul, Lyuh Woonhyung, acabou de forma definitiva com seu assassinato em 1947. Em 1948, foi eleito Syngman Rhee, político conservador que residia há 37 anos nos EUA, em um pleito contestável (VISENTINI, 2009).

Meio a levantes populares, os líderes nacionalistas coreanos Syngman Rhee, do território Sul, e Kim Il-Sung, do Norte, propunham um modelo para reunificar a Coreia de maneira que obedecesse, exclusivamente, a um dos dois tipos de sistemas políticos, motivo pelo qual, sem êxito, ambos os governos desistiram da tentativa de convenção e iniciaram reivindicações pela competência sobre a totalidade do território coreano, gerando grande tensão nas áreas de fronteira, na tentativa de conquistar simpatizantes das suas políticas. (SENHORAS, FERREIRA, 2013, p. 134)

Segundo Visentini (2009), com o apoio estadunidense, de segmentos que haviam apoiado os japoneses, Rhee estabeleceu uma base de poder frágil, enquanto no norte, com a saída da URSS, o Kim Il-sung conseguia estabelecer uma república socialista. Todavia, logo o equilíbrio estratégico asiático montado pelos Estados Unidos caíria. Com a derrota do Japão, vista como uma potência regional adversária para os EUA, o *status* internacional e econômico da ilha asiática foi reduzido. Em contraste a isso, Washington tinha em vista o fortalecimento da China sob o governo de Kuomintang, disponibilizando uma ajuda generosa, tanto econômica, quanto militarmente, tornando o país membro permanente do Conselho de Segurança da ONU (CSNU) (VISENTINI, 2009). No entanto, essa arquitetura diplomática, considerada por Visentini (2009), frágil e nem um pouco realista, estava destinada ao fracasso, já que a Revolução Chinesa de 1949, juntamente com a proclamação da República Popular da China, triunfou.

O estabelecimento de dois países na península coreana, com regimes políticos totalmente opostos e ligados, de forma rigorosa, às potências líderes dos dois blocos, em conjunto com a constituição de um regime socialista na China,

tornou toda a situação da época ainda mais difícil (VISENTINI, 2009). Visentini (2009) mostra que a nova composição geopolítica da Ásia constituía-se de uma massa continental sob controle comunista e uma periferia oceânica insular (Japão, Taiwan e Filipinas) e peninsular (Coreia do Sul e Indochina), com domínio estadunidense. Deste modo,

(...) o Japão ficava separado de seu *hinterland* econômico, contendo-se paralelamente, qualquer possibilidade de um desenvolvimento regional autônomo (VISENTINI, 2009, p. 241).

A fragilidade da parte sul da península coreana tornava-se a cada dia mais evidente e perigosa. Menos de um ano depois do êxito de Mao Zedong,

(...) a Coreia do Norte invadia a do Sul, numa ofensiva fulminante que evidenciava a referida debilidade do regime de Seul. Mas os EUA, através da ONU, reagiriam rapidamente, enviando tropas predominantemente norte-americanas, mas sob a bandeira das Nações Unidas (VISENTINI, 2009, p. 241)

No início da década de 50, a região da península, com os dois países, travam um conflito entre eles, considerado na visão de Visentini (2009) um ponto de inflexão mais significativo da Guerra Fria, sendo o epicentro de um confronto colossal entre os mundos socialista e capitalista, com o intuito de delimitar suas fronteiras. Em 25 de junho de 1950, os norte-coreanos cruzaram o paralelo 38, avançando rapidamente sobre a região sul. Em dois meses, o exército norte-coreano conseguiu controlar quase todo território invadido, cercando estadunidenses e sul-coreanos no perímetro de Busan, porém, com o desembarque dos *marines* na região de Incheon, as forças comunistas retrocederam para esquivar-se do cerco (VISENTINI, 2009, p. 243).

O conflito, em um geral, traz consequências terríveis para ambos os Estados. Três milhões de pessoas foram mortas, sendo sul ou norte-coreanas, e com isso, um armistício foi assinado, em 1953. Contudo, nunca houve a assinatura de um tratado de paz, já que as duas Coreias não se reconhecem uma à outra como um país. (SENHORAS, FERREIRA, 2013).

Martins (2011), analisa que a compreensão do desenvolvimento da Guerra das Coreias fragmenta-se diante do que os dois Estados expõem. Diante desse fato, surgem, pelo menos, duas interpretações sobre o que teria sido o estopim da crise

para que o conflito ocorresse, juntamente com uma repercussão mundial devido aos *players* internacionais que envolveram-se.

Sob uma perspectiva de análise internacional Senhoras e Ferreira (2013, p. 135-136) apontam que é identificar uma visão tradicionalista que fundamenta o ataque norte-coreano em um suposto acordo secreto entre os líderes Joseph Stalin (1878-1953), Kim Il-sung (1912-1994) e Mao Tse-tung (1893-1976) vis-à-vis a uma visão revisionista, na qual a guerra seria o resultado de uma sequencial provocação militar da Coréia do Sul sob a ordem do general Douglas MacArthur (1880-1964).

Já sob uma análise nacional, os autores mostram que:

(...) a guerra da Coréia fundamentava-se em um estado de arrefecimento das tensões em ambas as zonas do território cindido pelo paralelo 38, uma vez que a crescente polarização de clivagens político-ideológicas entre os dirigentes políticos e as classes sociais coreanas acabaram exacerbando as divergências e fechando os tradicionais canais de negociação, o que repercutiu no surgimento de uma guerra civil. (SENHORAS, FERREIRA, 2013, P. 136)

Na perspectiva de Senhoras e Ferreira (2013) nas diferentes formas de interpretações sobre o conflito, nota-se que a contextualização de justificativas e internacionais acaba por reforçar um complemento para as análises do fenômeno, apontando, de forma firme, a complexidade existente da península coreana, essa que tornou-se o primeiro palco de operações da Guerra Fria.

No lado norte-coreano, juntamente com o intenso envolvimento da União Soviética na militarização da Coréia do Norte, Josef Stalin aprovou, em 1950, o envio de tropas norte-coreanas, compostas por soldados que lutaram na Revolução Chinesa, para uma ofensiva contra a Coréia do Sul, atravessando, então, o Paralelo 38, chegando a Seul, obrigando que os sul-coreanos recuassem para o Sul. (SENHORAS, FERREIRA, 2013, p.136)

No lado sul-coreano:

como contra-resposta à invasão de Seul, o presidente sulcoreano Rhee, ordenou não somente a evacuação da capital, mas também implementou uma política de eliminação de milhares de indivíduos supostamente identificados como simpatizantes do comunismo, política esta que seria coadunada pela declaração de guerra à Coreia do Norte pelo governo estadunidense. (SENHORAS, FERREIRA, 2013, p.136-137)

Com o conflito avançando, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), aprovou as resoluções 82 e 83. Elas deliberaram a reprovação da invasão norte-coreana no território do sul e a autorização de uma intervenção militar de

tropas da própria Organização das Nações Unidas (ONU) para acabar com o conflito, no entanto, essa ação repercutiu na China, fazendo com que as tropas recuassem. (SENHORAS, FERNANDES, 2013).

Seguindo essa linha do tempo, de acordo com Senhoras e Fernandes (2013), num movimento de contra-ofensiva comandado pelo general Mac Arthur, dos EUA, foi possível ver uma reconquista de territórios sul-coreanos e um avanço considerável no território do norte, causando uma inversão do que aconteceu no início do conflito e na entrada da China, recuando todo o enfrentamento para o território de fronteira no paralelo 38.

Durante os anos que se seguiram, desde o início das hostilidades e que vão até 1953, observa-se que o teatro de guerra restringiu-se a uma zona fronteira em que aconteceram movimentos de pouco impacto, notadamente territórios próximos ao paralelo 38, desde a libertação de Seul pelas tropas da ONU em 1951, período que registrou tentativas desta Organização multilateral para suspender as hostilidades por meio de convenções de paz. (SENHORAS, FERNANDES, 2013, p.137)

O armistício de *Panmunjon* é assinado no ano de 1953 e a partir dele surgiram cinco mecanismos para a manutenção da trégua entre as Coreias: a) Linha de Demarcação Militar (MDL), separando oficialmente os países; b) Zona Desmilitarizada (DMZ), que se estende na fronteira com uma extensão de 250 km e uma largura de 2 km em cada país; c) Comissão de Armistício Militar (MAC), responsável por investigar e resolver violações no armistício; d) Área de Segurança Conjunta (JSA), localizada dentro da DMZ, inclui a sede do MAC e Panmunjom, e, finalmente, d) Comissão de Supervisão por Nações Neutras (NNSC), responsável por assegurar o cumprimento do armistício (PARK, 2009).

O presidente americano, Harry Truman, desejou um conflito limitado e só conseguiu, a um custo quatro vezes maior, conservar os mesmos resultados já obtidos quando foi atingido o paralelo 38 (VISENTINI, 2009). Ainda que alcançando ganhos importantes em âmbito político, o empate militar na guerra das Coreias constituiu um limite às pretensões belicistas da direita estadunidense. No plano doméstico, essa autêntica guerra civil com intervenção estrangeira teve como resultado vitalício a consolidação da ditadura policial de Rhee no sul, com apoio das tropas americanas aquarteladas (VISENTINI, 2009).

Senhoras e Fernandes (2013) acrescentam que mesmo que com a assinatura do armistício, que acarretou no fim das ofensivas, o efeito a partir dessa divisão das

fronteiras causou diversas controvérsias, que são discutidas ainda nos dias de hoje, dado que os países se desenvolveram de formas distintas e totalmente assimétricas, ao mesmo tempo em que, politicamente, a guerra nunca teve um fim, mas apenas foi cessada por um período indeterminado.

### **3.3 PÓS GUERRA E A DÉCADA DE 90 NA COREIA DO SUL: A ASCENSÃO DA CULTURA**

O pós-guerra na Coreia do Sul foi marcado pelo desenvolvimento rápido, chamando atenção na época, sendo importante ressaltar que a economia sul-coreana, por décadas, foi baseada na agricultura (MASIERO, 2009). Dall’acqua (1991) aponta que esse desenvolvimento destacou-se pelo sucesso ao sustentar um crescimento acelerado, sendo ele baseado em um sistema econômico voltado para a exportação. A Coreia do Sul possuía um desafio de integrar-se a um ambiente internacional de crescente interpenetração dos mercados de bens, serviços e fatores produtivos, principalmente de capitais, e de posicionar-se em um espaço regional mais integrado e dependente dos estímulos gerados pela economia chinesa (CUNHA, BICHARA, 2009).

Antes de avançar com essa política desenvolvimentista, a Coreia nos anos 50 era um dos países mais pobres da Ásia (CUNHA, BICHARA, 2009). Sua renda *per capita* e os indicadores de níveis de desenvolvimento social e de infraestrutura eram abaixo da média dos países em desenvolvimento. Segundo um estudo de Huntington (2002), era tão pobre quanto Gana, por exemplo. Nos anos 60, analisa-se que o PIB *per capita* dos países eram compatíveis e a economia era de base primária (agrícola). Porém, com as reformas feitas na mesma década, feitas pelo governo de Park Chung-hee, que assumiu por um golpe militar, foram importantes para o novo curso da economia sul-coreana e segundo Haggard (1990), foram favorecidas pelas pressões dos Estados Unidos, que se mostraram efetivas por causa da grande dependência da Coreia do Sul em relação à ajuda americana.

Assim, apesar de tentar resistir, o governo do general Park cedeu, adotando medidas que incluíram a reforma no regime cambial e o combate à inflação. Essa foi a gênese do “Modelo de Promoção de Exportações”, muito importante para que a forte intervenção do Estado não fosse acompanhada dos problemas que marcaram o processo de industrialização na América Latina (HAGGARD, 1990, p. 135)

Para conseguir esse salto desenvolvimentista, Chung-hee e seu governo apostam em uma política desenvolvimentista, juntamente com os *Chaebols*, grandes grupos empresariais que atuavam em diversos setores (DALL'AQUA, 1991), apostando em um conjunto de políticas econômicas e sociais, assegurando, assim, a emergência e consolidação de novos setores produtivos, transformando uma nação agrária em uma potência industrial, cujos *chaebols* alcançaram posições de liderança em indústrias intensivas em capital e tecnologia (CUNHA, BICHARA, 2009). Tendo êxito em seus objetivos, as políticas do governo deram certo e promovem a Coreia do Sul aos Tigres Asiáticos<sup>12</sup>. A Coreia do Sul ficou conhecida pela exportação de insumos tecnológicos a baixo custo (LUIZA, 2019). O país tinha o desejo de projetar-se no mundo globalizado e o fato de estar inserido num grupo econômico novo, o fez ficar ainda mais com esse anseio.

(...) a Coreia [do Sul] foi um caso particular de sucesso ao constituir burocracias identificadas com ideais nacionais-desenvolvimentistas, traduzindo-se em uma maior eficiência na gestão das políticas de industrialização.

A trajetória sul-coreana se deu no contexto onde a Guerra Fria criou estímulos favoráveis para o país. (CUNHA, BICHARA, 2009)

**Tabela I - Destino das exportações da Coreia do Sul (1988-2006)**

	1988-1991	1991-1995	1996-2000	2001-2005	2006
CHINA	0.0	4.8	9.4	17.2	25.0
EUA	32.5	21.9	18.2	18.1	13.2
JAPÃO	20.1	14.4	10.8	9.2	7.6
HONG KONG	5.7	7.6	7.1	6.5	4.3
ALEMANHA	3.8	4.2	3.1	3.1	3.0
CINGAPURA	2.5	4.1	3.7	2.5	2.9
REINO UNIDO	3.0	2.1	2.9	2.2	1.6

<sup>12</sup> Os Tigres Asiáticos são os quatro países/regiões asiáticas, Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan e Singapura, que desenvolveram sua economia rapidamente, entre as décadas de 60 e 90, ao passarem por uma rápida industrialização.

MALÁSIA	1.1	2.3	2.0	1.8	1.9
INDONÉSIA	0.7	1.1	1.9	1.5	1.1
FILIPINAS	0.7	1.1	1.9	1.5	1.1

Fonte: CUNHA, BICHARA (2009)

Huntington (2002) salienta, ainda, que a diferença do desenvolvimento da Coreia do Sul para os outros países se dá devido a cultura. O autor afirma que os sul-coreanos valorizavam a frugalidade, o investimento, o trabalho, a educação, a organização e a disciplina.

Em 1988, a Coreia do Sul teve a oportunidade de sediar os jogos olímpicos em Seul, colocando o país no centro do mundo, sendo um início positivo para o tão desejado *rebranding*<sup>13</sup>. Segundo Luiza (2019), as Olimpíadas auxiliaram no estreitamento das relações da Coreia do Sul com outros países, atingindo então a globalização.

Entretanto, o país havia saído de um governo protecionista, ou seja, a entrada de produtos estrangeiros não era permitida, porém um país globalizado não funcionava desta forma. No mesmo ano, foi liberada a entrada de objetos e produções audiovisuais provenientes de outros países, principalmente dos EUA (LUIZA, 2019). A partir disso, nos anos 90, a cultura foi desenvolvida dentro da Coreia do Sul.

Em 1994, 80% do mercado sul-coreano era dominado pelo audiovisual estrangeiro e essa “invasão” fez com que o governo sul-coreano percebesse que a cultura poderia ser bastante lucrativa (LUIZA, 2019). Além de que a entrada desses produtos de fora desestimulava a produção e o consumo dos produtos nacionais. Em um relatório do Conselho Presidencial de Ciência e Tecnologia da Coreia do Sul de 1994, mostrou que um filme de *Hollywood*, como *Jurassic Park*, arrecadou o equivalente a 1,5 milhões de carros da *Hyundai* (*chaebol* sul-coreano), vendidos na época. (LUIZA, 2019). Posto isso, o governo sul-coreano cria o Departamento da Indústria da Cultura e começa a fazer grandes investimentos no movimento cultural que havia na época, dando início a política cultural. Perante o exposto, o Estado

<sup>13</sup> Neste contexto, o *rebranding* é a reestruturação da imagem de um país, neste caso, a Coreia do Sul

sul-coreano estimulou o desenvolvimento de produtos nacionais que se sobressaíam sobre os estrangeiros.

Afirma-se que o êxito foi visto quando o *k-drama What is Love?* foi assistido por mais de 150 milhões de chineses, em 1997:

Chyang Pao-li e Lee Hyojung (2017, p. 2) afirmam que o drama “What is Love About?”, que teria sido assistido por mais de 150 milhões de chineses, despertou o interesse pelos atores e cantores coreanos, enquanto no Japão, *Winter Sonata* (2003) foi exibido por quatro vezes com o áudio original e legendas em japonês (uma surpresa devido ao passado conflitivo dos países). (VIEIRA, 2019)

Mas, no mesmo ano, houve uma crise econômica, que causou um forte impacto nas indústrias culturais sul-coreanas, dominadas pelos EUA e por Hong Kong. A crise asiática de 1997 foi uma recessão, com queda de 7% do produto, que colocou o milagre sul-coreano em xeque (CUNHA, BICHARA, 2009). As taxas de desemprego triplicaram em comparação à média de anos anteriores e a inflação subiu acima dos padrões históricos. Sem reservas cambiais, a Coreia do Sul solicitou socorro financeiro ao Fundo Monetário Internacional (FMI), em torno de U\$60 milhões, trazendo reformas estruturais e a colocação de um diferente regime macroeconômico. (CUNHA, BICHARA, 2009). Esta crise foi associada, segundo Cunha e Bichara (2009), a um processo de liberação econômica, sobretudo nos mercados financeiros, de forma que seguiram salientando o fortalecimento desse setor e pelo processo de desregulamentação financeira. As empresas nacionais tiveram que acompanhar as alterações econômicas e sociais sofridas na Coreia do Sul, juntamente com a competitividade no mercado (LUIZA, 2019).

**Tabela II - Indicadores Macroeconômicos selecionados da Coreia do Sul (1991-2007)**

	1991-95	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007*
PIB - real (% aa)	7.8	7.0	4.7	-6.9	9.5	8.5	3.8	7.0	3.1	4.7	4.0	5.0	4.8
Inflação (IPC, % aa)	6.2	5.0	4.4	7.5	0.8	2.3	4.1	2.7	3.6	3.6	2.7	4.4	2.5
Desemprego (%)	2.5	2.0	2.6	7.0	6.3	4.1	4.0	3.3	3.6	3.7	3.7	3.5	nd
Exportações (var. anual %)	14.3	3.7	5.0	-2.8	8.6	19.9	-12.7	8.0	19.3	31.0	12.0	14.4	nd
Importações (var. anual %)	14.7	11.3	-3.8	-35.5	28.4	34.0	-12.1	7.8	17.6	25.5	16.4	18.4	nd

Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-1.3	-4.1	-1.6	11.7	5.5	2.4	1.7	1.0	2.0	4.1	1.9	0.7	0.6
Dívida de Curto Prazo/Dívida Total (%)	35.8	57.5	39.3	20.2	26.7	30.1	31.3	34.1	32.3	32.7	35.1	43.1	nd
Dívida de Curto Prazo/ Reservas (%)	95.5	195.4	263.6	54.1	46.9	42.1	39.2	39.7	32.7	28.3	31.3	47.6	nd
Dívida Externa (% PIB)	15.4	20.8	26.7	40.9	29.6	26.4	26.8	25.8	25.9	25.3	23.8	29.7	nd
Balanço do Governo (% do PIB)	-0.2	0.2	-1.4	-3.9	-2.5	1.1	1.2	3.3	1.1	0.7	0.4	0.4	nd

Fonte: CUNHA, BICHARA (2009)

A queda na venda de produtos culturais sul-coreanos reabriu o mercado para produtos culturais do Japão. Contudo, a onda de influência japonesa, quando absorvida, permitiu que a Coreia do Sul mergulhasse na ideia da *Hallyu Wave* como um mecanismo para a superação da crise, mesmo que no final da década de 90, o país tenha recuperado-se de forma surpreendente e, ainda com dificuldades conjunturais que vieram de miniciclos de *boom and bust*<sup>14</sup> nos mercados de crédito e nos preços dos eletrônicos, sua economia mostra sinais de vigor (CUNHA, BICHARA, 2009).

Por fim, podemos concluir ao fim desse tópico que o armistício da Guerra das Coreias trouxe diversos pontos importantes para a industrialização rápida do sul da península coreana. Ao entrar para os Tigres Asiáticos, a Coreia do Sul, possuía uma economia e qualidade de vida, no pós-guerra, que poderia ser comparada com países da África, porém nos anos 60, sua economia deu um salto importante. Isso se deu pelo fato das políticas desenvolvimentistas de seu governante, Park Chung-hee, juntamente dos grandes conglomerados de empresas da época, ao exportarem insumos tecnológicos a um valor baixo. Entretanto, não era o suficiente para a Coreia conseguir inserir-se dentro da globalização, então, a cultura começou a ser uma maneira de fazer com que o país conseguisse destacar-se no sistema internacional, mesmo passando por crises.

### 3.3.1 HALLYU WAVE E SEUS MECANISMOS

Após inserir-se no mundo globalizado, a Coreia do Sul necessitava criar a sua

<sup>14</sup> uma situação em que uma economia passa regularmente por períodos de maior atividade e sucesso, seguidos por períodos de fracasso

marca, visando o desenvolvimento econômico e a criação de uma marca indissociável do país (KIM, 2002, p.2). Esse aspecto se dá no governo de Lee Myung-bak (2008-2013), onde foi estabelecida a redefinição da reputação nacional e a valorização da *national branding*<sup>15</sup>. (VIEIRA, 2019)

(...) promover o Taekwondo; enviar anualmente voluntários (e.g. serviço militar) para o estrangeiro; adotar um programa baseado na Hallyu; introduzir bolsas de estudo Global Korea; adotar um programa CAMPUS Ásia; aumentar a ajuda externa (ao desenvolvimento); desenvolver tecnologias de ponta; nutrir as indústrias da cultura e do turismo; tratar melhor os cidadãos estrangeiros e as famílias multiculturais; e ajudar os cidadãos coreanos a se tornarem cidadãos globais” (KIM, 2012, p. 2).

É ainda importante comentar sobre o governo de Lee. Jang e Paik (2012) apontam que na gestão do mesmo, foi adotada uma diplomacia complexa e uma diplomacia de valor como os objetivos fundamentais para melhor a diplomacia pública e cultural. Sua política externa tinha como propósitos:

a resolução pacífica da questão nuclear da Coreia do Norte; a construção de uma aliança Coreia-EUA [...]; o estabelecimento de um regime pacífico e durável na península coreana; a construção de uma base diplomática para o desenvolvimento asiático; o desenvolvimento de uma futura diplomacia com orientação global, o que inclui a consolidação das relações diplomáticas com os países vizinhos, a expansão dos esforços; e os esforços diplomáticos com o intuito de promover o desenvolvimento econômico do país (BICHARA; CUNHA, 2009, p. 293).

Segundo Vieira (2019), percebe-se então, a existência de políticas relacionadas à promoção da indústria cultural, que poderiam ser representadas pelo subsídio a custos de produção de filmes, séries e documentários, além da difusão do conhecimento da língua e da cultura coreana pelo Instituto King Sejong pelo mundo. Além disso, os produtos culturais sul-coreanos são as novelas, popularmente conhecidas como “dramas” ou *k-dramas*, música, o mundialmente famoso *k-pop*, comida, cosméticos, filmes, séries, quadrinhos, os *manhwas*, entre outros.

O sucesso da música Gangnam Style (do rapper Psy), cujo vídeo durante alguns anos foi considerado o mais visto no YouTube, foi acompanhado pelos concertos SMTown da empresa SM Entertainment em Paris e Los Angeles, além do Super Show, concertos do grupo Super Junior - pertencente a essa mesma empresa - na América Latina, e Cube Entertainment no Brasil, bem como as tentativas de entrada dos girlgroups 2NE1 (em parceria com o grupo Black Eyed Peas), Wonder Girls (que abria os shows na turnê estadunidense de Jonas Brothers) e Girls' Generation no

---

<sup>15</sup> *National branding*, ou marca nacional (tradução própria), mede, constrói e gerencia a reputação dos países.

mercado estadunidense. Tudo isto consolidou no Ocidente a expansão da cultura pop-coreana que desde os anos 1990 invadia os países asiáticos como China, Japão, Indonésia, Taiwan, Tailândia e Vietnã. (MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM, 2011 apud. VIEIRA, 2019)

Souza (2015, p. 298) afirma que os produtos foram absorvidos e incorporados à cultura pop de outros países progressivamente, à medida que se estabeleciam processos comunicacionais de consumo, a partir de políticas e práticas para que houvesse reconhecimento e aceitação nos níveis doméstico e internacional, usando de exemplo a política de Lee Myung-bak (VIEIRA, 2019).

Chang e Lee (2017, p. 3) e Lee Geun (2009, p. 130) sugerem que esse contato com a música e telenovelas criou pouco a pouco interesse pela cultura coreana, expandindo para uma preferência por outros produtos, como, por exemplo, cosméticos, comidas, moda, eletrônicos e telefones celulares, em um processo em que primeiro se forma imagens favoráveis sobre a Coreia do Sul ao passo em que se cria a chance de aprender sobre a cultura da mesma, auxiliando a modificar antigas concepções advindas da Guerra da Coreia, que resultou na divisão da península. (VIEIRA, 2019)

Segundo Martin Roll (2021), a mídia popular coreana acredita que o início da *Hallyu* tenha se dado ao fim dos anos 90, a partir das novelas e filmes, como dito anteriormente. Além de *What is love?*, de 1997, alguns filmes de 1999, como *Swiri*, que foi sucesso no sudeste asiático, seguido das novelas *Autumn in my heart*, *My sassy girl* e *Winter Sonata*, nos anos 2000.

De acordo com o Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia (2013), a onda coreana, fenômeno que começou no Japão, China e Mongólia no final dos anos 1990, espalhados pelo Sudeste Asiático, Europa e América do Sul nos anos 2000. Os assuntos da Onda Coreana se estenderam de drama de TV para música popular (K-pop) e filmes e se diversificaram para incluem comida, jogos, animação, formatos de transmissão e '*webtoons*' desde a década de 2010. (KIM, PARK, 2020, p. 208)

Não obstante, é significativo que destaque outros cinco pontos que contribuíram para o desenvolvimento da onda coreana (ROLL, 2021): (i) suspensão do banimento de viagens ao exterior de coreanos: provavelmente o fator mais importante que acabou abrindo caminho para Hallyu foi a decisão do governo coreano no início dos anos 1990 de suspender a proibição de viagens ao exterior para os coreanos. Isso abriu caminho para vários coreanos explorarem o mundo ocidental, principalmente os EUA e a Europa. Muitos prosseguiram seus estudos nesses países e outros começaram suas carreiras em empresas conceituadas na

Europa e nos Estados Unidos antes de retornar à Coreia no final dos anos 90. Esses coreanos educados no ocidente trouxeram consigo novas perspectivas de fazer negócios, novas interpretações para arte, cinema e música e formas inovadoras de expressão. Isso deu origem a um imenso grupo de talentos novos, jovens e altamente qualificados, esperando para explorar oportunidades na Coreia; (ii) a reestruturação dos *chaebols*: a crise financeira asiática forçou esses chaebols a reestruturar seus modelos de negócios, alienando muitas de suas unidades de negócios e concentrando-se em suas competências essenciais. Isso, por sua vez, abriu o mercado internamente e deu a outros players menores uma imensa oportunidade de se aventurar em negócios variados. Mais empreendedores emergiram da crise encorajados pelas oportunidades; (iii) o fim das leis de censura: As leis de censura coreanas proibiam cineastas e outros artistas de apresentar muitos tópicos considerados controversos. Isso restringiu sua independência criativa por muito tempo. Em 1996, o tribunal constitucional coreano proibiu essa censura e abriu uma enxurrada de tópicos para os artistas explorarem. Essa mudança proporcionou imensas oportunidades e independência à geração jovem e vibrante da Coreia para expressar ideias mais novas e ousadas por meio do cinema e da música. Muitos cineastas influentes surgiram durante esse período; (iv) maior ênfase no branding pelas principais empresas coreanas: alguns dos principais chaebols da Coreia, como Samsung e LG, iniciaram sua jornada de branding em meados dos anos 1990. Houve uma maior ênfase na qualidade, design e marketing e branding em escala global. Essas habilidades também foram transferidas para vários outros setores da economia. Coletivamente, houve um desejo crescente de melhorar a qualidade geral para fornecer produtos superiores ao mercado mundial; (v) maior foco na infraestrutura: o governo coreano tem gastado e está gastando fundos significativos para desenvolver infraestrutura de Internet de alta tecnologia, pois acredita que todo cidadão coreano se beneficiará de estar conectado ao mundo global. Além disso, a Coreia é um dos poucos países do mundo que investe seus fundos em *startups* do país. Em 2012, os fundos do governo constituíram mais de 25% de todo o capital de risco desembolsado na Coreia. Um terço de todo o capital de risco na Coreia é gasto na indústria do entretenimento (ROLL, 2021)

O termo Hallyu, ou a onda coreana, foi cunhado no Beijing Youth Report ( 北京青年报 ) em novembro de 1999. Na Coreia, Hallyu tornou-se uma palavra da moda

nacional com o sucesso fenomenal do primeiro show do grupo *H.O.T* na China em fevereiro de 2002. Na China, Hallyu (韓流) também é um homônimo para “fluxo frio” (網流), conotando uma penetração cultural um tanto intimidante da Coreia (KO, KANG, LEE e HA, 2005 apud. LEE, 2009).

A *Hallyu Wave* é dividida em quatro momentos. O primeiro é a *Hallyu 1.0*, marcada pela época dos *k-dramas*. Os *k-dramas*, ou popularmente chamados de *doramas/dramas*, tornaram-se conhecidos no final dos anos 90, como afirmado anteriormente. São as famosas novelas coreanas, que fazem sucesso no mundo inteiro. É o primeiro produto da *Hallyu* que foi importado para fora da região sul-coreana (CAMPOS, TEODORO, GOBBI, 2015). Os dramas ajudaram a Coréia de forma positiva após a crise de 1997. Na segunda geração do movimento *Hallyu*, segundo Campos, Teodoro e Gobbi (2015), os dramas foram influenciados pela nova era tecnológica. Ao contemplar o uso da onda coreana para fins de soft power da Coreia, pode-se apontar algumas características marcantes. Em primeiro lugar, o escopo geográfico e cultural da onda coreana não se limita apenas ao confucionismo no leste da Ásia. A onda coreana penetrou com sucesso áreas não confucianas como Malásia, Egito, América Latina, Ásia Central e Rússia (LEE, 2009).

O drama coreano *My Name is Kim Sam Soon* foi vendido para mercados na China, Malásia, Filipinas, Taiwan, Tailândia e Vietnã, e foi exportado para o Japão pelo preço mais alto. Em 2008, o drama foi transmitido no México, Venezuela, Costa Rica, Peru, Porto Rico e El Salvador. O drama também fez sucesso nos Emirados Árabes Unidos e na NBC, emissora de TV dos Estados Unidos anunciou que adquiriu os direitos de remake do drama (LEE, 2009). Isso mostra que a onda coreana pode estar ganhando gradativamente apelo universal além das áreas culturais confucianas. Da perspectiva do soft power da Coreia, a expansão do apelo cultural da Coreia para uma área mais ampla produz novo potencial para a Coréia projetar seu soft power para diversas regiões como a Ásia Oriental, Ásia Central, América Latina e até mesmo para algumas partes da Europa e América do Norte (LEE, 2009).

Em segundo lugar, os dramas de TV e as estrelas da onda coreana não são totalmente idênticas em cada país. Na China, foi o hit de 1997 *What is Love?* que começou a onda coreana, enquanto no Japão foi *Winter Sonata*. A onda coreana no

Vietnã começou com a Medical Brothers, e em Taiwan, Hong Kong e Tailândia, a onda coreana surgiu com os dramas *Autumn in My Heart* e *Daejanggeum* (LEE, 2009). Ao mesmo tempo, diferentes estrelas são visíveis em diferentes países. Por exemplo, Ahn Jae Wook e Kim Hee Sun são representados na China, enquanto Bae Yong-jun, Park Yong-ha e Choi Ji-woo são as três primeiras estrelas coreanas no Japão. Como mencionado antes, é Jang Dong-gun e Kim Nam-joo que conquistou o amor do povo vietnamita. Esta ampla popularidade dos dramas e estrelas coreanas indica que a Coreia possui uma ampla base de soft power derivada da onda coreana (LEE, 2009).

A *Hallyu 2.0* se trata das novas tecnologias e do *k-pop*. A partir de 2007, as novas tecnologias e a ascensão das redes sociais foram aliadas para difundir a cultura coreana na década de 2010 (VIEIRA, 2019), além da escalada positiva sobre os jogos online, que acabaram rivalizando-se com o audiovisual, resultando em um desenvolvimento na área (VIEIRA, 2019). Por fim, nessa mesma era do movimento, o *k-pop* ganha força. Também conhecido como pop coreano, foi idealizado pelo empresário Lee Soo-man, que encarava o *k-pop* como uma *commodity* (LUIZA, 2019). O grande idealizador do *k-pop*, morou durante os anos 80 nos Estados Unidos e teve contato com a *dance music* e com grandes produções de músicos como Madonna e Michael Jackson. Seu primeiro investimento a partir de suas novas ideias, foi no cantor Hyun Jin-young, no início de 1990, mas não houve êxito (LUIZA, 2019).

O grupo Seo Taiji & The Boys fez um grande sucesso, abrindo portas para a música. Lee Soo-man cria, então, o que viria a ser a maior empresa de pop coreano, a SM Entertainment, abrindo portas para empresas como JYP, YG, PNation, HYBE Labels, entre outras. Nos dias atuais, a face do *k-pop* para o resto do mundo são os boygroups, como BTS, SEVENTEEN, EXO, NCT, e os girl groups, como Girls Generation, aespa, IVE, ITZY, por exemplo. Em 2005, o governo criou um fundo de US\$1 bilhão voltado ao *k-pop*. Por fim, o *korean pop* ganhou tanto destaque que exportou US\$80,9 milhões, em 2010 e em 2011, foi exportado US\$177 milhões (JIN, 2012). Com a expansão global, a indústria musical do país cresceu 17,9% só em 2018. O *k-pop* rende mais de US\$ 4,7 bilhões ao ano, liderado por empresas privadas, com ações na bolsa de valores e estima-se que só o BTS movimento,

direta e indiretamente, US\$3,7 bilhões ao ano na economia do país (ORTEGA, 2019).

O K-pop apresenta diversas características desejadas para um pop se tornar atrativo: fotogenia, movimentos hipnotizantes, habilidades vocais boas aliadas a melodias cativantes, visuais atrativos, entre outras. Além disso, o formato comum de promover em grupos permite que cada membro trabalhe separadamente em diversos campos além do canto e da dança, além de atrair e agradar diferentes tipos de fãs. Há ainda a diferenciação do conteúdo para mirar em países diferentes, como letras em mais de um idioma, membros estrangeiros e o uso de nomes diferentes para o grupo dependendo do local onde estão sendo promovidos. O K-pop é uma indústria explicitamente orientada para a exportação que ao mesmo tempo é capaz de importar e incorporar os melhores recursos de fora (BERTO, ALMEIDA, 2020, p. 23)

Já a *Hallyu 3.0* é a era do movimento focada em cosméticos e saúde. A forma que essa era difunde-se é a partir dos *k-dramas* e *k-movies*, apresentando-se estrategicamente nas novelas e filmes, além das marcas recrutarem atores, como embaixadores, estimulando a popularidade dos produtos (JUN, 2017).

A *Hallyu 4.0*, de acordo com Jun (2017), destaca-se por ser uma possível era para a onipresença do movimento da onda coreana, procurando colaborações mundiais, como por exemplo, a China e o Sudeste Asiático.

A partir disso, em janeiro de 2017, a companhia CJ E&M lançou uma estação de televisão com rede de assinaturas pagas e a operadora de telecomunicações StarHub Ltd. em Cingapura, com o 25 canal para se especializar em filmes sul-coreanos; enquanto em abril novos canais para veicular produtos culturais sul-coreanos na Malásia, Vietnã e Hong Kong foram abertos. (VIEIRA, 2019).

**Tabela III - Ondas Hallyu**

	<b>HALLYU 1.0</b>	<b>HALLYU 2.0</b>	<b>HALLYU 3.0</b>	<b>HALLYU 4.0</b>
Foco	<i>K-drama, K-film</i>	<i>K-pop</i>	Estilo de vida coreano moderno	Onipresença da cultura pop coreana
Exemplos	<i>What is love?, Dae Jang Geum, Boys Over Flowers, Descendants of the Sun, Heo Jun, The</i>	2NE1, Big Bang, BoA, BTS, EXO, Seventeen, NCT, H.O.T, Fin. K.L., Girls' Generation,	Cosméticos ( <i>Amorepacific, Hanyul, Hera, Innisfree, IOPE, Laneige, Mamonde,</i>	Em progresso; parcerias estratégicas com governos e instituições locais na China/Sudeste

	<i>Legend of the Blue Sea, Morae Sigae, My Love from the Star, Winter Sonata</i>	Psy, Rain, Sechs Kies (SECHSKIES), S.E.S., SHINee, Shinhwa, Super Junior, TVXQ, Twice, Wonder Girls	<i>Nature Republic,, THE FACE SHOP, TONYMOLY); Saúde, Alimentos, Software (Kakao)</i>	da Ásia para aumentar o consumo de produtos da Hallyu
--	--	---	---	---

Fonte: JUN (2017, p. 157)

De acordo com Kwon e Kim (2013), a onda coreana não teria sido proporcionada, se não tivesse a quebra com o passado autoritário sul-coreano no século XX. Nessa época, ainda segundo os autores, a cultura era usada para a sustentação da política, em um regime onde permitia-se uma liberdade maior e um reconhecimento da capacidade cultural e do desenvolvimento econômico nacional.

Os fatores por trás do sucesso da cultura popular da Coreia, especialmente no leste da Ásia, podem ser categorizados em fatores internos e externos. Quanto a fatores internos/domésticos, uma maior capacidade econômica e padrão de vida funcionou como um impulsionador para apoiar o florescimento da cultura popular coreana. Desde a década de 1990, a popularidade das canções coreanas na Coreia ultrapassou gradualmente a popularidade das canções pop estrangeiras e as estações de rádio rapidamente expandiram porções de transmissão. Ao mesmo tempo, a participação de coreano-americanos no mercado de música pop coreana começou a produzir uma criativa fusão de música americana e coreana. Um exemplo dessa fusão é o rap e a música de dança e, de fato, essa dinâmica música popular coreana inicialmente levou a Onda Coreana no exterior (LEE, 2009).

Outro fator interno/doméstico por trás do sucesso da onda coreana é as empresas coreanas, particularmente chaebols, com grandes investimentos na área cultural e indústrias de entretenimento como eles anteciparam enormes lucros na Coreia do Sul rapidamente no mercado cultural em expansão (LEE, 2009). A existência de uma demanda em massa e consumo da cultura popular da Coreia, de fato desenvolveu a competitividade da indústria cultural da Coreia. Além disso, a firme política do governo coreano para proteger os direitos de propriedade intelectual foi um catalisador na produção da onda coreana. A política de direito propriedade intelectual mais forte da Coreia tornou a circulação ilegal de música pop

estrangeira extremamente difícil e reverteu o domínio da música pop estrangeira na Coreia (LEE, 2009). Companhias musicais multinacionais começaram a co-produzir música com empresas coreanas e, desde o governo Kim Dae-jung (1998-2003), o Ministério da Cultura aumentou consistentemente seu orçamento para promover a indústria cultural coreana internamente. Quanto aos fatores externos, fatores únicos e idiossincráticos dos países receptores, combinados com os fatores domésticos da Coreia, criaram o sucesso da onda coreana nesses países (LEE, 2009).

O que mantém a popularidade da *Hallyu Wave*, segundo Roll (2021), é o crescimento das marcas sul-coreanas, como a LG e a Samsung; o aumento do desenvolvimento das produções em todos os âmbitos; e principalmente, o apoio contínuo do governo sul-coreano na cultura do país.

Identifica-se que desde a Guerra Fria não se via uma expressão cultural tão claramente utilizada para a geopolítica quanto à cultura coreana (LUIZA, 2019). Os resultados dos investimentos na *Hallyu Wave* são palpáveis. Por exemplo, o turismo para a Coreia do Sul triplicou, já que a *Hallyu* deu uma injeção de ânimo no turismo coreano e ajudou a reposicionar a imagem do país coreano globalmente. À medida que os filmes, as bandas de música e os dramas ganharam popularidade, pessoas de diversos países viajaram a fim de experimentar a cultura coreana em primeira mão e em 2019, o país faturou US\$ 21,5 bilhões com o turismo, atraindo um total de 17,5 milhões de turistas (ROLL, 2021). Aproximadamente 90 milhões de pessoas são filiadas a algum fã-clubes relacionados à cultura coreana e o número de estudantes estrangeiros em universidades coreanas cresceu em 20%, de acordo com Luiza (2019).

Cidades-natal de *idols* [de *k-pop*] batizaram bairros com seus nomes. O governo federal criou rotas turísticas baseadas nos locais de filmagem dos clipes de K-Pop, numa campanha chamada "*Imagine Your Korea*", que instiga o apego emocional dos fãs: "recrie você mesmo as cenas ou simplesmente aproveite o fato de que seu bias [como é chamado o integrante favorito de uma pessoa em um grupo de K-Pop] já esteve de pé exatamente neste local, respirando o mesmo ar e vendo a mesma vista", diz o site. (LUIZA, 2019)

O que também se difundiu na política internacional sul-coreana foi a utilização de famosos. Em 2015, em uma vinda ao Brasil, a ex-presidente Park Geun-hye, trouxe em sua comitiva o grupo SHINee e integrantes do grupo F(x) (LUIZA, 2019). Outro exemplo é a ida do grupo BTS a assembleias-gerais da ONU. A primeira vez

que o grupo se fez presente, foi em 2018, onde o líder do *boygroup* Kim Namjoon, mais conhecido por RM, discursou sobre amor-próprio e aceitação. Em 2021, o grupo recebeu passaportes diplomáticos do governo sul-coreano e embarcaram novamente para discursar, onde abordaram a questão da vacinação da COVID-19, incentivando jovens a se vacinarem (VIDIGAL, 2021). Ainda em 2018, grupos e cantores solistas de *k-pop*, como o Red Velvet e Seohyun (Girls Generation), foram se apresentar em Pyongyang, capital da Coreia do Norte, para seu líder máximo, Kim Jong-un, sendo um objeto para a aproximação entre os dois países, mostrando que há, de certa forma, uma influência cultural dentro da política internacional sul-coreana. Em 2019, o *boygroup* EXO recebeu o ex-presidente Donald Trump, que viajou para se encontrar com o presidente Moon Jae-in no último dia da Cúpula do G20. Ao chegar à Blue House, o gabinete presidencial sul-coreano, Moon trouxe o grupo para recebê-lo. Os membros do grupo deram a Trump e sua filha, Ivanka, cópias autografadas de seu quinto álbum, "Love Shot" (ANDREW, GRAY, 2019).

**FIG. 1** - Líder e cantor do grupo BTS, Kim Namjoon, discursando na ONU



FONTE: G1<sup>16</sup>

**FIG. 2** - Governante da Coreia do Norte juntamente com artistas de *k-pop* sul-coreanos

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/09/20/bts-assembleia-onu.ghtml>>  
Acesso em: 12 dez 2022



FONTE: SBS<sup>17</sup>

**FIG. 3** - Membros do EXO, juntamente com o ex-presidente Moon Jae-in e o ex-presidente Trump



Fonte: CNN<sup>18</sup>

O governo sul-coreano reformou seu papel diante da sua cultura, tornando-se promotor da mesma,

[...] realçando seu soft power através da “marca” Coréia do Sul, inclusive fornecendo arranjos financeiros favoráveis a este ramo da indústria. O K-pop [por exemplo] é um representante nacional do qual o estado e os fãs têm orgulho, porém, curiosamente, é ao mesmo tempo um produto global competitivo que remete pouquíssimo aos traços culturais e músicas

<sup>17</sup> Disponível em:

<<https://www.sbs.com.au/popasia/blog/2018/04/03/photos-north-korean-leader-kim-jong-un-meets-k-pop-idols>> Acesso em 12 dez 2022

<sup>18</sup> Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2019/06/29/us/trump-met-kpop-group-in-south-korea-trip-trnd/index.html>>

tradicionais do país, característica sintomática da transformação cultural que o país sofreu ao longo do tempo (BERTO, ALMEIDA, 2020, p. 23-24)

O apoio governamental para o desenvolvimento cultural na Coreia do Sul foi o diferencial para fazer com que o país conseguisse inserir-se dentro do sistema internacional. Acredita-se que ao conseguirem penetrar a China, em 1997, com uma novela, como apontado neste capítulo, mostrou parte da grande capacidade cultural sul-coreana de aproximar-se de grandes países. Os anos 90 foram o ponto chave para que a Coreia conseguisse chegar cada vez mais próxima de potências regionais da Ásia, principalmente, ajudando a desenvolver relações políticas, econômicas e culturais.

#### **4. RELAÇÕES CORÉIA DO SUL-TAILÂNDIA**

Em 1949, o Reino da Tailândia reconheceu formalmente a recém-independente República da Coreia, tornando-se um dos primeiros grupos de nações do mundo a fazê-lo (MALA, 2020). Mas as relações bilaterais entre Coreia do Sul e Tailândia foram realmente estabelecidas em 1º de outubro de 1958 e, anteriormente, o governo tailandês foi a segunda nação, após os EUA, comandado pelo General Mac Arthur, a enviar tropas para a Guerra das Coreias, apoiando a Coreia do Sul. Foram enviados aproximadamente 10 mil homens e as vítimas totais incluíram 137 mortes e 300 feridos (ROYAL THAI EMBASSY IN SEOUL, 2021). No Memorial da Guerra, no bairro de Itaewon, é possível rever a participação do país no conflito (CHONGKITTAVORN, 2019).

(...) a participação da Tailândia na guerra tornou-se uma história de ninar favorita após a Segunda Guerra Mundial. Conta a história de jovens e corajosos soldados que lutaram como parte de uma força multinacional para proteger um país livre de uma invasão comunista. Após a guerra, a canção folclórica Arirang também se tornou muito popular, devido ao seu som suave e melodia triste. (CHONGKITTAVORN, 2019)

Em 1º de março de 1960, os dois países trocaram embaixadores. Desde então,

(...) Tailândia e a República da Coreia reforçaram cada vez mais seu relacionamento em todos os setores, incluindo comércio e investimentos, bem como visitas de chefes de estados e intercâmbios acadêmicos,

culturais e turísticos. A combinação de contato diplomático e civil com a Coreia, embora lento no início, teve grande impacto no desejo dos tailandeses de aprender e entender os coreanos (THANDEE, 2006, p. 3)

Juntamente com o laço bilateral que existe entre a Tailândia e a Coreia, é esperado que seu relacionamento seja mais próximo com a evolução do regionalismo na Ásia Oriental. A Tailândia desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do regionalismo no Sudeste Asiático, enquanto, a Coreia do Sul tem defendido o regionalismo no Leste Asiático (KIM, 2008). Embora os dois países tenham feito muito progresso individualmente para promover um acordo bilateral de livre comércio (ALC) com vários parceiros, eles enfrentaram um potencial conflito de interesses sobre o ALC entre ASEAN-Coreia, principalmente sobre a questão do livre comércio de arroz, alimento básico da região. De fato, quando o Acordo de Cooperação Econômica Abrangente foi assinado entre a Coreia do Sul e a ASEAN, em 13 de dezembro de 2005, na Malásia, o único estado da ASEAN que não ratificou o acordo foi a Tailândia. Isso concluiu o ALC bilateral que excluiu o arroz, como ALC entre ASEAN-China em 2002 e o ALC entre ASEAN-Japão em 2007 (KIM, 2008).

A questão do arroz, tratada mais à frente, em ambos os países, é um tópico sensível em termos econômicos, políticos e culturais, por isso, considera-se que a situação de impasse neste aspecto não seja tão surpreendente. A ASEAN Way, no entanto, fez progressos no avanço do regionalismo como resultado de sua ênfase no consenso por meio de consultas (KIM, 2008). O caminho tem sido central para acordos econômicos como a Área de Livre Comércio da ASEAN (AFTA), o ALC da ASEAN-China, e mais recentemente no processo do ALC da ASEAN-Japão (KIM, 2008). Esses acordos, enfatizaram o nível de conforto das partes envolvidas, em vez de regras regidas critérios ou produtos que podem ser controversos, por exemplo, prazo flexível para membros menos desenvolvidos da ASEAN e um programa de colheita antecipada no caso do ALC ASEAN-China, deu prioridade a um acordo baseado em um nível confortável em vez de desacordo (KIM, 2008).

Para compreendermos o acordo de livre comércio entre a ASEAN e a Coreia do Sul, precisamos aprofundarmos nos antecedentes bilaterais. Na última década, o sistema de comércio global tornou-se muito mais liberal e a economia mundial tornou-se cada vez mais integrada. Isso foi possível em parte devido a uma série de negociações multilaterais lideradas pela Organização Mundial do Comércio (OMC),

que buscou não apenas a liberalização do comércio de bens e serviços e investimento, mas também o meio ambiente e as normas trabalhistas. Juntamente com multilateralismo, o mundo tem testemunhado um rápido aumento no número de acordos comerciais (RTAs) e acordos de livre comércio (ALCs) (KIM, 2008). Por exemplo, o número de RTAs em todo o mundo aumentou desde o início dos anos 1990 e nos anos 2000, 380 RTAs foram notificados ao GATT/OMC até julho de 2007.

Países asiáticos, que têm sido relativamente passivos em relação aos ALCs não têm sido excepcionais a esta tendência. ALCs bilaterais ou regionais tornaram-se uma opção popular para muitos países em Ásia desde a segunda metade da década de 1990, quando a OMC liderava o comércio processo de liberalização desacelerou e outras regiões avançaram com sucesso para a criação de grupos comerciais regionais como a União Europeia (UE) e o NAFTA (KIM, 2008).

Ao lado da Área de Livre Comércio da ASEAN (AFTA), assinada em 1992, o número de ALCs sob implementação na Ásia aumentou rapidamente de 5, em 1992 para 61, em 2007. O movimento em direção às ALCs regionais e bilaterais no Leste Asiático acelerou em particular desde a crise econômica em 1997-98 com algumas iniciativas para a cooperação financeira na Ásia Oriental. Através da crise, os países do Sudeste Asiático viram a necessidade de uma maior cooperação com os países do Nordeste Asiático, especialmente Japão e China. Na esteira do aumento da interdependência comercial no Leste Asiático, cooperação reforçada foi crucial não só para enfrentar a crise em si, mas mais importante para a recuperação da crise que exigia um crescimento econômico estável por meio do aumento das exportações e da entrada de investimentos estrangeiros (KIM, 2008, p. 9)

Ainda segundo Kim (2008), o movimento em direção à ALCs regionais e bilaterais no Leste Asiático acelerou em particular desde a crise econômica em 1997-1998 com algumas iniciativas para a cooperação financeira na Ásia Oriental. Através da crise, os países do Sudeste Asiático viram a necessidade de uma maior cooperação com os países do Nordeste Asiático, especialmente Japão e China. Na esteira do aumento da interdependência comercial no Leste Asiático, cooperação reforçada foi crucial não só para enfrentar a crise em si, mas mais importante para a recuperação da crise que exigia um crescimento econômico estável através do aumento das exportações e entradas de investimentos estrangeiros.

Nestas circunstâncias, além do AFTA assinado em 1992, a ASEAN envolveu-se depois de 1997 no processo de estabelecimento de um ALC com seus principais parceiros comerciais, incluindo China, Índia, Japão e Coreia do Sul, que também iniciaram uma série de negociações de ALC com seus principais parceiros comerciais (KIM, 2008). Enquanto isso, os Estados Unidos também estão tentando construir um ALC entre EUA-ASEAN por meio de um processo ascendente de acordos bilaterais individuais entre Washington e cada país membro da ASEAN. Por medo de um “efeito tigela de espaguete”, os membros da Associação concordaram em concluir uma série de negociações de FTA antes de seguirem em frente a outras propostas de ALCs intra-regionais. Os principais parceiros comerciais são da região do “Leste Asiático”, que está de acordo com o desenvolvimento do regionalismo do Leste Asiático (KIM, 2008).

Os líderes dos países membros da ASEAN assinaram a *ASEAN Charter*<sup>19</sup> e o projeto para uma Comunidade Econômica da ASEAN, visando criar um mercado com livre circulação de bens, serviços, investimentos e, até certo ponto, mão de obra até 2015.

Os acordos mostram o forte desejo da ASEAN de integração dentro da região, bem como a região expandida do Leste Asiático, incluindo membros da ASEAN+3 (APT), China, Japão e Coreia, e mais discutível membros, Austrália, Nova Zelândia e Índia. O primeiro passo para uma plena implementação do ALC ASEAN-Coreia, foi um acordo sobre ‘resolução de disputas sistemas’ que foi assinado em dezembro de 2005 e um acordo sobre itens básicos e mercadorias em agosto de 2006. Os acordos entraram em vigor em junho de 2007. A Coreia do Sul assinou um acordo sobre o setor de serviços com a Associação de Nações do Sudeste Asiático em um acordo de livre comércio em 2007 (KIM, 2008, p.7).

No ano de 2006, como dito acima, um Tratado de Livre Comércio (TLC) sobre bens foi assinado entre a Associação das Nações do Sudeste da Ásia (ASEAN) e a Coreia do Sul, entrando em vigor em 2007 para a Coreia, Malásia e Cingapura. No entanto, a Tailândia não aprovou a primeira e a segunda etapas devido à controvérsia sobre a indústria agrícola, em particular sobre a questão do arroz (KIM 2008). A Coreia do Sul realizou tratados com outros parceiros, baseados na chamada negociação *multi-track*. Seus parceiros do acordo de livre comércio eram, especificamente, um país não agrícola, Cingapura, e seu principal parceiro comercial e de segurança, os EUA. A Coreia do Sul iniciou estudos conjuntos sobre a viabilidade

---

<sup>19</sup> Carta da ASEAN é um instrumento constituinte da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Foi adotado na 13ª Cúpula da ASEAN em novembro de 2007.

do ALC com Cingapura em março de 2003 e com os EUA em março de 2005, respectivamente.

Como resultado, a negociação do ALC ASEAN-Coreia foi na ausência de conversas bilaterais com a Tailândia. A Coreia do Sul adotou uma abordagem bilateral em relação à Tailândia somente a partir de abril de 2007, numa época em que este último ficou como único país negado o acordo sobre o comércio de mercadorias. Ambos tiveram reuniões bilaterais juntamente com a ASEAN-Coreia e suas negociações de acordos sobre investimentos, onde os dois países poderiam prestar pouca atenção um no outro (KIM, 2008).

Coréia do Sul e Tailândia deveriam ter se concentrado no acordo coletivo de livre comércio antes de seu acordo bilateral, segundo Kim (2008). No entanto, a prioridade em regionalismo ou muitas vezes presenciou o contorno de questões bilaterais, mesmo quando negociações eram urgentemente necessárias para resolver as questões comerciais sob o ALC. Por exemplo, quando ambos os lados se reuniram na Reunião de Ministros Econômicos da ASEAN em 2006, as questões bilaterais foram deixadas de lado, sem dar data para a retomada das negociações com resolver seu desacordo sobre produtos agrícolas (KIM, 2008).

No que tange a questão do arroz, a Tailândia, inicialmente, se recusou a assinar um acordo inicial da ASEAN sobre o comércio de mercadorias com Seul devido à insistência da Coreia em excluir o arroz do pacto, embora outros membros concordaram com isso. Dado o fato de que a participação no mercado coreano de arroz importado da Tailândia permaneceu baixo em 0,5% em 2006 e 2007, o conflito sobre o arroz não é uma questão puramente econômica (KIM, 2008).

Não é de surpreender que os agricultores coreanos estiveram na vanguarda das mobilizações contra a liberalização comercial da agricultura por meio de outros acordos bilaterais de livre comércio. Os agricultores coreanos lideraram muitos meses de oposição ao tratado que Seul assinou com o Chile e mais seriamente com os EUA, preocupado com o impacto das inundações de importações agrícolas mais baratas em seus meios de subsistência. Os EUA exigiu, de acordo com Kim (2008) que a Coréia abrisse totalmente seu mercado de arroz, embora os dois países tenham concordado anteriormente em não destacar a questão antes de iniciarem as negociações em junho de 2006. Os negociadores sul-coreanos argumentaram que Seul é obrigada por uma cláusula multilateral da Organização Mundial do Comércio (OMC) a abolir tarifas sobre o arroz dos EUA, Tailândia, China e Austrália

gradualmente até 2014 (KIM, 2008). No entanto, não se sentiu obrigada a oferecer maiores benefícios a qualquer um desses países (KIM, 2008).

A Coreia do Sul concordou no pacto da OMC de 2004 em aumentar as importações de arroz dos atuais 4% para 8% consumo após 10 anos. A base para agricultura e arroz na Coreia permanecem fracas sem um plano de desenvolvimento adequado a longo prazo, enquanto os agricultores do Japão estavam relativamente seguros através da operação de um sistema de comercialização direta de produtos alimentícios. Mas devido à sensibilidade da questão do arroz, é muitas vezes considerada uma tática de barganha sul-coreana para alavancar as negociações. O ministro Kwon Okyu aceitou isso com calma. A forte oposição de agricultores contra a liberalização do setor agrícola muitas vezes fortalece a posição do governo nas negociações quando Seul concluiu um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, mantendo seu mercado de arroz fora do acordo, apesar de ser polêmico (KIM, 2008)

O desacordo da Tailândia sobre o ALC Coreia-ASEAN foi incomum, dada a tradição de política externa do país, que tem sido um dos líderes da ASEAN em cooperação econômica via consenso e não confronto (KIM, 2008). O aumento da transação econômica entre os dois países pode ser vista como uma ferramenta para ajudar a reduzir o risco associado à dependência excessiva do Japão e por esses motivos, o tratado entre Coreia e Tailândia foi assinado no ano de 2007 (APEX BRASIL, 2011).

A Coreia do Sul investiu na Tailândia para atingir um pico de US\$584 milhões em 2011 (THEPARAT, APINISITRAN, 2019) e, em 2018, os dois países concordaram na criação de um comitê conjunto para a cooperação em comércio e investimento. No mesmo ano, o Ministro da Indústria tailândes, Uttama Savanayana, recebeu Paik Un-gyu, ministro do Comércio, Indústria e Energia da Coreia do Sul, para discutir os aspectos do principal esquema do Corredor Econômico Oriental (ECC) que poderiam ser desenvolvidos, como por exemplo a política da curva S, o desenvolvimento de mão de obra e a eficiência de médias e pequenas empresas, determinando planos de parceria. (APISITNIRAN, 2018). Savanayana ressaltou que a Coreia do Sul possui uma política “*New Southern*”<sup>20</sup>, tendo em vista a expansão de investimentos de suas empresas nos países na ASEAN, sendo a Tailândia escolhida para ser o país estratégico (APISITNIRAN, 2018). O Ministério da Indústria tailândes afirmou que o país e a Coreia do Sul tiveram um valor comercial de US\$11,7 bilhões de dólares no ano de 2017 e que, até 2018, o país sul-coreano ocupava o 12º lugar

---

<sup>20</sup> Novo sudeste, tradução própria

de investimento estrangeiro na Tailândia. Mas, de acordo com o secretário-geral do governo tailândes, Duangjai Asawachintachit, os investimentos bilaterais e as relações diplomáticas se mantêm fortes há mais de 60 anos (APISITNIRAN, 2018).

Ao analisar este tópico, vemos que houve uma demora para a Coreia do Sul e a Tailândia conseguirem firmar de forma firme, suas relações bilaterais. Apesar de serem parceiras desde a guerra, em 1950, algumas questões fizeram com que os Estados demorassem a se compreender, como visto nos anos 2000. A questão do arroz foi, de fato, um dos pontos para que as relações ainda demorassem a fechar de forma concisa.

#### **4.1 A APROXIMAÇÃO A PARTIR DA HALLYU WAVE E ATUAÇÃO DO SOFT POWER E DA DIPLOMACIA CULTURAL SUL-COREANA NA TAILÂNDIA: POLÍTICA, ECONÔMICA E CULTURAL**

É possível dizer que desde os anos 2000, a cultura coreana foi introduzida na Tailândia, a partir do *k-pop* e, principalmente, dos *k-dramas*, que impulsionaram a cultura coreana quase ao mesmo nível das culturas japonesas e ocidentais. Em 2005,

A exibição de Dae Jang Geum no Canal 3 (...), causou o chamado *krasae gaolie*, ou "onda coreana", na Tailândia. O drama de época, baseado na história da vida real de Jang Geum - a primeira mulher a se tornar a médica pessoal do rei coreano - e sua criação comum, ressoou fortemente com o público tailandês. Eles poderiam se identificar facilmente com o comportamento e as situações dos personagens (CHONGKITTAVORN, 2019)

A série citada acima deu à Tailândia um gosto pela cultura coreana tradicional, incluindo a culinária da corte coreana e a medicina tradicional. Inevitavelmente, a culinária coreana se tornou popular e a cultura coreana começou a receber atenção (LEE, 2010).

A tendência da *Hallyu Wave* ainda é bastante vista juntamente com novelas e música, o primeiro grupo de *k-pop* a ser convidado a ir para o país do sudeste asiático foi o Baby V.O.X, pela empresa GMM. O sucesso do grupo foi tanto que vendeu mais de 200.000 cópias somente na Tailândia (THANDEE, 2006). Cantores como Rain e Se7en também ganharam visibilidade.

Thandee (2006) aborda que outros produtos como os jogos online sul-coreanos também tornaram-se muito populares, como *Ragnarok*, da empresa

*Gravity*, criando a onda de jogos online *multiplayers*, no entanto, o sucesso do *game* também trouxe problemas para os adolescentes tailandeses,

(...) o governo tailandês impôs uma proibição, impediu que crianças menores de 18 anos joguem este jogo à noite, cortando o acesso ao jogo servidor do provedor ou cibercafé externo. No entanto, esta proibição foi parcialmente levantada para permitir que maiores de 18 anos tenham algum acesso restrito a jogos online, o que comprova o fato que Ragnarok e outros jogos online coreanos eram extremamente populares na Ásia região. Ao se tornar um serviço pago desde o início de 2003, o contato médio de usuários de Ragnarok a qualquer momento subiram para um nível de 40.000 (THANDEE, 2006, p. 13)

A *Hallyu* teve um grande impacto no povo tailandês, especialmente nos jovens. Eles buscam obter fotos, comprar produtos de seus ídolos e também acompanhar a história de suas estrelas favoritas e suas obras. As revistas de entretenimento tornam-se um veículo para retratar as vidas pessoais das superestrelas. Os fãs também criam sites de notícias, como por exemplo o [www.popcornfor2.com](http://www.popcornfor2.com), obtendo 34.949 membros registrados, enquanto 1.489.395 visitaram o site<sup>21</sup> (THANDEE, 2006). O autor (2006) traz que a influência coreana pode ser vista em outras áreas também além da culinária, como moda, itens decorativos, tecnologia, eletrônicos em geral, sendo importante destacar o interesse pelo esporte, como o *Taekwondo*. Segundo Chongkittavorn (2019), cerca de 40.000 tailandeses estão estudando a língua coreana - superando facilmente o número de estudantes tailandeses aprendendo japonês, que costumava ser uma das línguas estrangeiras mais populares entre os estudantes depois do inglês. Mais de duas instituições de ensino superior no país ensinam coreano.

Além disso, dezenas de filmes foram rodados em locações na Coreia do Sul. O filme do cineasta tailandês Banjong Pisantanakul, intitulado *Hello Stranger*, foi uma produção conjunta tailandesa-sul-coreana, conquistando as bilheterias em 2010. Atualmente a empresa coreana CJ Entertainment, estabeleceu-se na Tailândia, com o propósito de produzir filmes locais e regionais para a distribuí-los globalmente (CHONGKITTAVORN, 2019).

Antes da onda coreana varrer a Tailândia, apenas algumas centenas de milhares de turistas sul-coreanos costumavam visitar a Tailândia a cada ano. Em 2018, 2,3 milhões de turistas da Tailândia e da Coreia do Sul visitaram as principais

---

<sup>21</sup> Dado do ano de 2006.

idades uma da outra (CHONGKITTAVORN, 2019). Em 2019, de acordo com o Fandom Research Institute Blip of Space Oddity, a Tailândia foi o segundo maior país com visualizações de conteúdo de *k-pop*, com 2.15 bilhões (JUNG, LEE, 2019)

Em uma visita à Tailândia, o antigo presidente sul-coreano, Moon Jae-in, destacou dois nomes tailandeses na Coreia do Sul, Nichkhun, do *boygroup* administrado pela empresa JYP Entertainment, 2PM e Lisa, do *girlgroup* administrado pela YG Entertainment e mundialmente famoso, Blackpink, como símbolos perfeitos da amizade da Coreia do Sul e da Tailândia (CHONGKOTTAVORN, 2019). Nichkhun Horvejkul e Lalisa Manoban são jovens ídolos tailandeses que ganham a vida como artistas de *korean pop* em Seul. Ambos cantam e falam coreano fluentemente e são renomados na dança dentro do *k-pop*. A colocação feita pelo ex-presidente da Coreia do Sul, mostra que a cultura auxiliou muito para que os países se aproximassem, tornando-os grandes parceiros.

Ele [Primeiro-Ministro tailândes] disse que gosta de assistir a um drama coreano, intitulado "Descendentes do Sol", que apresenta uma história de amor entre um soldado das forças especiais e uma médica.

"Entre os tailandeses, os filmes sul-coreanos, os cantores e a música K-pop são populares, assim como os eletrodomésticos da Coreia do Sul", disse o primeiro-ministro tailândes. "No ano passado, 1,8 milhão de sul-coreanos visitaram a Tailândia e 550.000 turistas tailandeses foram para a Coreia do Sul." (BRASIL, 2019)

Seguindo nessa viagem, Moon ainda abordou sobre trabalhar com a Tailândia para o desenvolvimento do setor de comércio eletrônico e tecnologia da informação e como o governo tailândes adotou o plano industrial 4.0, que precisa da assistência de capacitação das economias desenvolvidas. A Coreia do Sul com a tecnologia do 5G, é um parceiro adequado para a Tailândia. (CHONGKOTTAVORN, 2019). O primeiro-ministro Prayut Chan-o-cha e o presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in, concordaram em aumentar o comércio entre os dois países para US\$20 milhões em 2020, acima dos US\$14,1 em 2018 (THEPARAT, APINISITRAN, 2019). A Coreia do Sul desempenha um papel importante em ajudar os investidores tailandeses com a transferência de tecnologia para atingir os padrões 4.0, bem como no desenvolvimento das 12 indústrias-alvo, 500 empresas da Coreia do Sul participaram do seminário "*Thailand-Korea Business Forum*"<sup>22</sup>, organizado pelo

---

<sup>22</sup> Fórum Empresarial Tailândia-Coreia, tradução própria.

Board of Investment (BoI), KCCI e Korea Trade Investment Promotion Agency (KOTRA) (THEPARAT, APINISITRAN, 2019).

Moon e Chan-o-cha, assinaram, nesta viagem, um acordo sobre troca e proteção de informações militares, já que os dois tiveram conversas na Casa do Governo da Tailândia. Nessas negociações, foi discutida a aprofundação da parceria estratégica entre os dois países, a fim de abrir um futuro de paz, coexistência e co-prosperidade na região (BRASIL, 2019). Os países comprometeram-se em trabalhar, juntos, em áreas científicas. O líder sul-coreano foi o primeiro a visitar a Tailândia em sete anos e nesse encontro, liderou uma equipe econômica e mais de 500 empresas privadas e investidores da Coreia do Sul para participar do Fórum Empresarial Tailândia-Coreia durante sua visita oficial à Tailândia (MALA, 2019)

Duangjai Asawachintachit, secretário-geral do BoI, disse que a Tailândia convidou empresas sul-coreanas para visitar as províncias da EEC - Chachoengsao, Chon Buri e Rayong - enquanto o governo busca mais investimentos da EEC e que a localização da Tailândia no Sudeste Asiático é ideal para atrair novos fluxos de investimento. O governo começou a desenvolver muitos megaprojetos no valor de US\$62-67 bilhões durante 2015-22. Todos os megaprojetos facilitarão empresas locais e estrangeiras que desejam iniciar negócios na Tailândia, que tem uma cadeia de suprimentos tão forte com muitas indústrias, como automotiva, eletrônica, petroquímica e bioquímica. O país do sudeste asiático tem 18 montadoras que usam o país como centro de produção para exportação. A Tailândia é a maior produtora de automóveis do Sudeste Asiático e ocupa o 12º lugar globalmente (THEPARAT, APINISITRAN, 2019). A Coreia do Sul tem sua nova política sulista na expansão dos investimentos para o Sudeste Asiático, incluindo a Tailândia (THEPARAT, APINISITRAN, 2019).

**FIG. 4** - Presidente sul-coreano Moon Jaein e primeiro-ministro tailândes, Prayut Chan-o-cha, no encontro de 2019



Fonte: *The Bangkok Post*<sup>23</sup>

Mais uma vez é considerável reiterar que, quando a Coreia e a Tailândia desenvolveram relações comerciais cada vez mais diversificadas, comércio, investimento, turismo e interação social em muitas outras áreas também prosperaram. À medida que a Tailândia desenvolve o Corredor Econômico Oriental (ECC) para indústrias inovadoras e de alta tecnologia, acredita-se que o valor do investimento coreano na Tailândia irá acelerar (MALA, 2020). Até 2020, conforme Mala (2020), 400 empresas sul-coreanas investiram na Tailândia, enquanto o valor comercial entre a Tailândia e a Coreia do Sul é de cerca de US\$ 15 bilhões (470 bilhões de baht<sup>24</sup>).

Conclui-se neste tópico que, a cultura sul-coreana foi importante para a aproximação de ambos os países. É possível enxergar que as falas do ex-presidente Moon Jaein em relação a proximidade de ambos tem uma relação forte com a cultura sul-coreana. O aumento no turismo e a cooperação política e econômica entre os dois países deu-se ao investimento governamental na cultura dentro da Coreia do Sul.

---

<sup>23</sup> Disponível em:

<<https://www.bangkokpost.com/thailand/general/1741329/pm-courts-s-korean-investment>> Acesso em 12 dez. 2022

<sup>24</sup> Moeda tailandesa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pontuou os conceitos de *soft power* e diplomacia cultural, com objetivo de aplicá-los na cultura coreana como um instrumento político de aproximação da Coreia do Sul com a Tailândia. O *soft power* é uma ferramenta de poder que penetra os Estados de uma forma mais branda, seja ela com ideologias, educação e/ou cultura. A diplomacia cultural é uma forma que os países encontram para conseguir chegar perto de outros, sendo assim, uma ferramenta de *soft power*. O presente justifica-se pelo fato de contribuir para a comunidade acadêmica, a fim de mostrar que a cultura pode ser uma maneira de aproximação, num geral, entre países, além de mostrar a influência do movimento *Hallyu* dentro do desenvolvimento sul-coreano e na reconstrução da identidade do país.

Para chegarmos ao ponto de entender o porquê das políticas culturais, é preciso entender a história coreana como um todo. No segundo capítulo, aborda-se os antecedentes coreanos, uma região que por teve diversas dinastias até chegar a colonização japonesa. A península coreana foi uma colônia de 1910 até a derrota do Japão na II Guerra Mundial, sendo um período amargo na história coreana. A partir disso, trouxeram dualidades sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, industrialização e crescimento agrário, mobilização política e desativação, comunismo e nacionalismo, resistência armada e colaboração. Além desses pontos, o fim da colonização também deixou um conflito e a divisão da península que separa o povo coreano.

A Guerra das Coreias foi de suma importância para que o país se desenvolvesse. As relações entre as duas nações, RC e RPDC começaram a delinear-se em 1948, mas a divisão a partir da ideologia começou lá no período colonial. O início da Guerra Fria para a península foi um ponto importante para que a guerra coreana eclodisse, sendo essencial para a grande luta das maiores potências da época, EUA e URSS, já que na época havia uma grande bipolarização entre o mundo, parte capitalista, pelos estadunidenses, e parte socialista, pelos soviéticos. Ambos entraram em conflito para terem plenos poderes da península como um todo. Em 1948, o lado norte-coreano, declara independência. A RPDC conseguiu estabelecer-se como uma república socialista, já a RC, estabeleceu apenas uma base frágil no seu país, tornando-se um país frágil a cada dia que passava. Em

1950, as regiões travam um conflito, sendo um conflito nu e cru entre o capitalismo e o socialismo. No geral, a guerra trouxe consequências para ambos lados e no fim, um armistício, no ano de 1953, foi assinado.

O terceiro capítulo traz as consequências pós-guerra, focando no lado sul-coreano. A Coreia do Sul, logo após o conflito, havia índices de desenvolvimento que eram comparados com índices africanos. Porém, as políticas desenvolvimentistas marcaram também o salto de desenvolvimento do país. As reformas feitas por Park Chung-hee, mostraram-se importantes para a nova economia do país. Juntamente com os grandes conglomerados de empresas, apostaram num conjunto de políticas econômicas e sociais que deram certo. A Coreia do Sul entrou para dentro dos Tigres Asiáticos, tendo reconhecimento pela exportação de insumos de tecnologia a um custo baixo. O país tinha o desejo de colocar-se dentro do mundo sistema internacional e do mundo globalizado. Em 1994, o governo sul-coreano analisou que a cultura poderia ser bastante lucrativa ao ver que o audiovisual estrangeiro estava crescendo no país e que a entrada desse tipo de produto poderia desestimular a produção e o consumo de produtos nacionais. No ano seguinte, ao criarem o Departamento de Indústria da Cultura, inicia-se o investimento na cultura sul-coreana e o êxito foi visto quando o *k-drama* *What is love?* ultrapassa as fronteiras.

Entretanto, a crise de 1997, foi uma recessão, impactou a indústria da cultura sul-coreana e colocou em dúvida o milagre econômico. A queda na comercialização desses produtos culturais, reabriu o mercado japonês, mas essa onda japonesa possibilitou que a Coreia do Sul se aprofundasse ainda mais na *Hallyu* como um mecanismo de superação da crise, mesmo que no fim dos anos 90, o país tenha se recuperado bem.

A *Hallyu Wave*, ou onda coreana, foi a criação da marca da Coreia do Sul, que deveria ser indissociável. O país ansiava por entrar no sistema internacional e no mundo globalizado. O governo de Lee Myung-bak foi o pioneiro para o restabelecimento da identidade nacional sul-coreana. A existência das políticas culturais foram representadas pelo subsídio dado à produção de audiovisual nacional, juntamente com a criação do Instituto King Sejong, com o intuito de espalhar o conhecimento da cultura coreana e de sua língua. E por fim, os produtos culturais sul-coreanos se difundem em vários, sendo os *k-dramas*, o *k-pop*, jogos,

quadrinhos, cosméticos, filmes, entre outros. O contato estrangeiro com alguns desses produtos, criou a curiosidade de desbravar a cultura coreana como um todo, trazendo, assim, uma aproximação de fora, como desejado pelas políticas de Lee Myung-bak. A onda coreana foi dividida em quatro fases, a primeira é baseada nas novelas, popularmente conhecidas como *k-dramas* ou doramas. Já a segunda, é a pioneira em levar a imagem sul-coreana para o mundo, baseada no *k-pop*. A terceira é focada na saúde e nos cosméticos coreanos, hoje, mundialmente famosos. E por último, a quarta fase, destacada pela possibilidade de uma onipresença do movimento da onda coreana, na busca de colaborações, como por exemplo, o Sudeste Asiático. O governo sul-coreano ressignificou seu papel diante da cultura, sendo o promotor da mesma, concluindo-se que o seu papel e apoio cultural foi fundamental para que o país se colocasse dentro do sistema internacional.

Partindo da metodologia hipotético-dedutiva, analisando o contexto durante o período determinado e testando a hipótese, investigando historicamente para entender o que se ocorreu ao longo dos anos, este trabalho buscou responder a problemática de como a cultura sul-coreana na política internacional da Coreia do Sul influencia na aproximação entre o país e a Tailândia entre 2010 a 2020, juntamente com a hipótese de que dentro do contexto a ser analisado, o incentivo governamental sul-coreano na cultura, transformando-a em um instrumento de política internacional, auxilia na aproximação da Coreia do Sul e da Tailândia, econômica, política e culturalmente no período analisado, o último capítulo mostra a corroboração dessa hipótese, a partir da visita do presidente sul-coreano da época, Moon Jae-in. Em sua fala, o ex-líder cita dois tailandeses que são ícones do *k-pop*, Lalisa, do *Blackpink*, e Nichkhun, do 2PM, dizendo que os dois são símbolos da amizade entre a Coreia do Sul e a Tailândia, mostrando que a cultura auxiliou fortemente para que os países se tornassem parceiros. Além do fato de que o primeiro-ministro tailandês, Prayut Chan-o-cha, afirmou que gosta dos dramas coreanos, principalmente, Descendentes do Sol. Nessa visita, foi abordado por Moon sobre os países trabalharem para o desenvolvimento do setor de comércio eletrônico e de tecnologia da informação. O governo tailandês adotou o plano industrial 4.0, que precisa da capacitação das economias desenvolvidas, o que coloca a Coreia do Sul como um parceiro adequado. É fato que a cultura sul-coreana mostrou-se importante para que os dois países se aproximassem mais.

Os objetivos também foram alcançados. Verificou-se que maneira que a *Hallyu Wave* e seus acessórios vêm contribuindo para a transformação e a consolidação das relações políticas e econômicas entre a Tailândia e a Coreia do Sul nos últimos dez anos, é através da exportação da cultura desde até mesmo antes de 2010, mostrando que o interesse tailândes sobre a cultura sul-coreana, quando exportada, auxiliou nas relações de ambos os países. Também foi compreendido de que forma a onda coreana buscou recuperar a identidade do país, ao criarem a marca da Coreia, a partir do *k-pop*, principalmente. E por fim, analisamos as relações Coreia do Sul-Tailândia, a partir da cultura coreana, como foi explicado no parágrafo acima.

Já a problemática foi respondida ao longo do terceiro e do quarto capítulo também. O investimento dado à cultura sul coreana é o que faz com que ela se aproxime de outros países, nesse caso, a Tailândia. Conseguimos analisar que o aumento no turismo e a cooperação política e econômica deu-se ao investimento governamental sul-coreano na cultura, fazendo com que ela se difundisse para outros países, fazendo com que a vida sul-coreana, juntamente com seus apetrechos culturais, fossem interessante a outros, como no caso tailandês, trazendo novamente, o *soft power*, mostrando que a Tailândia admira a Coreia do Sul a ponto de querer que ela invista no seu desenvolvimento econômico.

## REFERÊNCIAS

ADVISORY COMMITTEE ON CULTURAL DIPLOMACY. Cultural diplomacy: The linchpin of public diplomacy. **Report of the Advisory Committee on Cultural Diplomacy**, 2005.

ALMEIDA, Pedro. **Soft Power - O poder de influência de um país no mundo**. 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/01/23/soft-power-o-poder-de-influencia-de-um-pais-no-mundo>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ANDREW, Scottie; GRAY, Melissa. **K-pop star power kicks off Trump's visit to South Korea**. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/06/29/us/trump-met-kpop-group-in-south-korea-trip-trnd/index.html>. Acesso em: 11 dez. 2022

APISITNIRAN, Lamonphet. **Thailand, S Korea agree to trade panel**. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/business/1467542/thailand-s-korea-agree-to-trade-panel>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL, Apex. **Coreia do Sul: perfil e oportunidades comerciais**. Brasília: Apex Brasil, 2011

BANGPRAPA, Mongkol. **PM courts S Korean money for EEC plan**. 2019. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/business/1801909>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BERTO, Rachel; ALMEIDA, Mariza. Japão e Coreia do Sul: a indústria criativa como ferramenta de soft power. In: FERREIRA, Júlio Cesar Valente. **Festa e Memória: perspectivas étnico-raciais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 17-31.

BRASIL, Agência. **Coréia do Sul e Tailândia assinam acordo de cooperação**. 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/coreia-do-sul-e-tailandia-assinam-acordo-de-cooperacao/>. Acesso em: 10 maio 2022.

CAMPOS, Thalita Bianchini; TEODORO, Mariana Carrion; GOBBI, Maria Cristina. **Doramas: Cenários da Cultura Asiática**. **Cesumar**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-181, 18 nov. 2015.

CHONGKITTAVORN, Kavi. **Thailand's going bananas for Korea**. 2019. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/opinion/opinion/1751834/thailands-going-bananas-for-korea>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CUMINGS, Bruce. **Korea's Place In The Sun**. 2. ed. Nova Iorque: Norton, 2005. ISBN 9780393327021.

CUNHA, André Moreira da; BICHARA, Julimar da Silva. A Coreia do Sul e o desafio da integração econômica da região da Ásia-Pacífico. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; MASIERO, Gilmar. **Coreia do Sul: visões latino-americanas**. Curitiba: Juruá Editora, 2009. p. 25-49.

DALL'AQUA, Fernando. Crescimento e estabilização na Coreia do Sul, 1950-86. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 103-125, 01 jan. 1991.

FELIPPE, Fabrícia. **Repensando a Guerra da Coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito na península coreana**. 2019. Curso de Relações Internacionais, Centro Universitário Ibmecc, Rio de Janeiro, 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em 20 maio 2022

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018

HAGGARD, Stephen. **Pathways from the periphery – the Politics of Growth in the Newly industrialising countries**. New York: Cornell University Press, 1990

HARRISON, Lawrence e HUNTINGTON, Samuel P. **A Cultura Importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002

JUN, Hannah. Hallyu at a Crossroads: The Clash of Korea's Soft Power Success and China's Hard Power Threat in Light of Terminal High Altitude Area Defense (THAAD) System Deployment. **Asian International Studies Review**, v. 18, n. 1, p. 153-169, 2017.

JANG, Gunjoo; PAIK, Won K. Korean Wave as Tool for Korea's New Cultural Diplomacy. **Advances in Applied Sociology**. 2012, n. 3, p. 196-202.

JUNG, Joo-Ri; LEE, Jihae. **Map showing K-pop's popularity by global region released**. 2019. Disponível em: <https://www.korea.net/NewsFocus/Culture/view?articleId=174587>. Acesso em: 11 maio 2022.

KIM, Hyung-jong. Bilateralism and regionalism in Thailand-South Korea relationship: the case of asean-korea fta. **Jati**, Seul, v. 1, n. 1, p. 5-21, jan. 2008.

KIM, Hwajung. The Importance of Nation Brand. **Cultural Diplomacy**, Nov 2012.

KIM, Joseph; KWON, Seungho. The cultural industry policies of the Korean government and the Korean Wave. **International Journal of Cultural Policy**, 2013, p. 1-18.

KIM, Sang-Mook; PARK, Min-Jae. Evaluation of cross-national global market segmentation and strategy: The case of Korean Wave for ASEAN countries. **Asia Pacific Management Review**, Seul, v. 1, n. 1, p. 207-215, 19 jun. 2020.

LEE, Emma. **Korean Wave in Thailand**. 2010. Disponível em: <https://aboutthailandliving.com/korean-wave-thailand/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

LEE, Geun. A soft power approach to the “Korean wave”. **The review of Korean studies**, v. 12, n. 2, p. 123-137, 2009.

LUIZA, Ingrid; LEONARDI, Ana Carolina; AYUMI, Yasmin; ROSI, Daki. **A Diplomacia do K-POP**. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-diplomacia-do-k-pop/>. Acesso em: 20 jul 2022.

MALA, Dumrongkiat. **Dining on success of the Korean Wave**. 2020. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/life/social-and-lifestyle/1854129/dining-on-success-of-the-korean-wave>. Acesso em: 20 nov. 2022

MARTINS, Marco António. As duas Coreias: zona crítica de tensão internacional. **Janus: Anuário de Relações Internacionais**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 78-79, jan. 2011.

LEE, Geun. A soft power approach to the “Korean wave”. **The review of Korean studies**, v. 12, n. 2, p. 123-137, 2009.

LUIZA, Ingrid; LEONARDI, Ana Carolina; AYUMI, Yasmin; ROSI, Daki. **A Diplomacia do K-POP**. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-diplomacia-do-k-pop/>. Acesso em: 20 jul 2022.

NOVAIS, Bruno do Vale. O que é diplomacia cultural? **Revista Interação**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 59-70, 11 jan. 2022. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2357797547497>.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

OBERDORFER, Don.; CARLIN, Robert. **The Two Koreas: A Contemporary History**. 3. ed. Nova Iorque: Basic Books, 2014. ISBN 9780465031238.

ORTEGA, Rodrigo. **K-pop é poder: Como Coreia do Sul investiu em cultura e colhe lucro e prestígio de ídolos como BTS**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2022.

PARK, W. G. “The United Nations Command in Korea: past, present, and future”. **Korean Journal of Defense Analysis**, vol. 21, n. 4, 2009.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1972. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2011.

ROLL, Martin. **Korean Wave (Hallyu) – The Rise of Korea’s Cultural Economy & Pop Culture**. 2021. Disponível em: <https://martinroll.com/resources/articles/asia/korean-wave-hallyu-the-rise-of-koreas-cultural-economy-pop-culture/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ROYAL THAI EMBASSY IN SEOUL. In. **Thailand and Korea relations**. 2021. Disponível em: <https://seoul.thaiembassy.org/en/index>. Acesso em: 06 dez. 2022.

SAVADA, Andrea M. **South Korea: A Country Study**. Washington: GPO for the Library of Congress, 1990. Disponível em: [countrystudies.us/south-korea/](http://countrystudies.us/south-korea/). Acesso em: 20 jul 2022

SBS. **North Korean leader Kim Jong Un meets K-pop idols**. 2018. Disponível em: <https://www.sbs.com.au/popasia/blog/2018/04/03/photos-north-korean-leader-kim-jong-un-meets-k-pop-idols>. Acesso em: 05 dez. 2022.

SENHORAS, Elói; FERREIRA, Rita de Cássia de Oliveira. A Guerra da Coreia vista após sessenta anos de Armistício (1953-2013). **Conjuntura Global**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 133-139, 5 dez. 2013. Universidade Federal do Paraná.

SOUZA, Marco André Vinhas de. Os novos fluxos midiáticos da cultura pop coreana. **Galáxia**, v. 15, n. 29, p. 297-300, 2015

THANDEE, Damrong. Continuity of Korean Studies in Thailand. **Koreans Studies In Thailand**, Bangcoc, v. 1, n. 1, p. 1-23, 06 ago. 2006

THEPARAT, Chatrudee; APISITNIRAN, Lamonphet. **KCCI: Korea poised for Thai FDI rise**. 2019. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/business/1741429>. Acesso em: 21 nov. 2022.

VIDIGAL, Lucas. **Na ONU, BTS incentiva a vacinação contra a Covid-19 e lança clipe na sede das Nações Unidas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/09/20/bts-assembleia-onu.ghtml>. Acesso em: 09 dez. 2022.

VIEIRA, Fernanda. **Hallyu Wave: reflexos da diplomacia cultural sul-coreana na relação bilateral com a China**. 2019. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MELCHIONNA, Helena Hoppen. **A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche**. 1 ed. Editora UNESP, 2015. ISBN 978-85-393-0585-8

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. Coreia do Norte: história e percepção. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; MASIERO, Gilmar. **Coreia do Sul**: visões latino-americanas. Curitiba: Juruá Editora, 2009. p. 237-259.

VU, Tuong. **State Formation And The Origins Of Developmental States In South Korea And Indonesia**. Studies in Comparative International Development, vol. 41, no. 4, p. 27–56, 2007.